

MANUEL DE OLIVEIRA PAIVA

**DONA GUIDINHA
DO POÇO**

COLEÇÃO

✧ ✧ **GRANDES OBRAS** ✧ ✧



VERMELHO MARINHO



COLEÇÃO GRANDES OBRAS

DONA GUIDINHA DO POÇO

Manuel de Oliveira Paiva

2019 - Editora Vermelho Marinho

Copyright © 2019 Editora Vermelho Marinho

Editor-chefe: Tomaz Adour

Revisão: Equipe Vermelho Marinho

Capa e Diagramação: Editora Estronho (Marcelo Amado)

Arabesco da arte da capa: Garry Killian

Texto revisado e atualizado conforme definições do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009

Dona Guidinha do Poço / Manuel de Oliveira Paiva

ISBN: 978-85-8265-179-7

1. Literatura Brasileira 2. Clássicos 3. Título CDD B869.3

Editora Vermelho Marinho Usina de Letras Ltda

Rio de Janeiro - Departamento Editorial: Av. Gilka Machado, 315 - Bloco 2 - Casa 6,

Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro, RJ - CEP: 22795-570

www.editoravermelhomarinho.com.br

DONA GUIDINHA

DO POÇO

LIVRO PRIMEIRO

De primeiro havia na ribeira do Curimataú, afluente do Jaguaribe, uma fazenda chamada Poço da Moita. Situada no século passado pelo português Reginaldo Venceslau de Oliveira, passou a filhos e netos. Se não fora o desgraçado acontecimento que serve de assunto principal desta narrativa, ainda hoje estaria de pé com ferro e sinal.

À margem esquerda do impetuoso escoadouro hibernino, a casa grande amostrava-se num alto, de onde se enxergava grande distância em derredor, principalmente pela seca. Durante o inverno, a superabundância de folhagem restringia sensivelmente o campo de visão. Para leste via-se uma série de colinas que faziam o sol aparecer mais tarde. Divulgava-se para o sul, que era o lado da frente, um pico azul, o serrote de Meruinha; e para o ocaso, bem no horizonte, mais uns três ou quatro dentes das serras do Batista e do Papagaio, que abriam um boqueirão ao rio Curimataú.

Poço da Moita por último passara para Margarida, a primeira neta do Reginaldo, filha do Capitão-Mor, casada com o Major Joaquim Damião de Barros, um homenzarrão alto e grosso, natural de Pernambuco — uma boa alma. Viera ao Ceará à compra de cavalos, e por cá se ficou amarrado aos amores e aos possuídos da muito conhecida Guidinha do Poço. Tinha o preto do olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru.

Não seja para admirar a sequência, logo ali assim, de dois postos militares, capitão-mor e major. Mais virão. E quase tantos sejam os homens de gravata, que este acanhado verbo por aqui vá pondo de pé, quantas as patentes. Era antigo vazo. Não que militares fossem de índole, nem de prosápia: alguns o foram de crueldade. Todavia, desculpe-se-lhes a fonfança pela tendência natural que temos todos nós de nos enfileirmos aí numa qualquer ordem, que distinga. E eles, os matutos, coitados, não sobressaíam pela profissão nem pela cultura.

Outro motivo para explicar o alto preço com que encareciam os barateados títulos, outorgados pela munificência administrativa, seria a persistência dos costumes portugueses onde tudo que descia del rei era como se de Deus viera. A consciência republicana não se adunara ainda com aquela vida rural, em pleno ar, sob um céu ardente e oco, em uma

Estava-se em fevereiro, e nem um pingo de água. O poço da Catingueira, o mais onça da ribeira de Banabuiú, que em 1825 não pôde esturricar, sumia-se quase na rocha, entre as enormes oiticicas, de um lado, e do outro o saibro do rio. Era um trabalhão para os pobres vaqueiros: aqui, alevantar uma rês caída; ali, fazer sentinela nas aguadas a fim de proteger o gado amofinado contra a crueldade do mais forte; e, todos os dias que dava Nosso Senhor, cortar rama. E ainda tinham de percorrer constantemente as veredas e batidas para acudir prontamente à rês inanida de fome e sede, perseguir os porcos que algum desalmado vizinho teimava em criar, persegui-los a bala, porque o torpe cabeça-baixa impestava os bebedouros.

Era preciso o vaqueiro da Guidinha tornar-se ubíquo, para o que ocupava os seus filhos e alguns escravos do amo. O boi com a vista do homem parecia reanimar como se tivera consciência de que ambos padeciam sob a indiferença do mesmo céu.

E estão, só ali, no espaço de três léguas, cinco fazendas. Ajuntem a isto as retiradas, que procedem do sertão do Canindé, do Quixadá, e de tantos outros, e vejam se é possível em tão pouca terra, com tão pouca rama e pouca água, ter o bastante para tanta boca.

Além da sequidão, o mal, desenvolvido na bebida infeccionada pelos amaldiçoados paquidermes e pelo contágio doentio da rês viajada. Só o Major Quinquim Damião do Poço da Moita perdera, até ali, cinquenta vacas amojadas, isso apesar dos vaqueiros passarem todo o dia a tratar do gado. Quanto mais não perdiam os outros que não se apuravam tanto?

Fizeram-se todos os remédios para chover. O vigário da freguesia, cuja sede ficava a três léguas e um quarto, além das preces que a Santa Madre Igreja aconselha, consentiu que o povo, em procissão, mudasse a imagem de Santo Antônio da matriz para a capela de Nossa Senhora do Rosário, que era o melhor jeito a dar para Deus Nosso Senhor ensopar a terra com água do céu. Todavia, apesar de as seis pedrinhas de sal, da noite de Santa Luzia, 13 de dezembro, terem marcado inverno para fevereiro, o dito céu permanecia implacável.

Entrou março, novenas de São José.

O calor subira despropositadamente. A roupa vinha da lavadeira grudada do sabão. A gente bebia água de todas as cores; era antes uma mistura de não sei que sais ou não sei de quê. O vento era quente como a rocha nua dos serrotes. A paisagem tinha um aspecto de pelo de leão, no confuso da galharia despida e empoeirada, a perder de vista sobre as ondulações ásperas de um chão negro de detritos vegetais tostados pela morte e pelo ardor da atmosfera. As serras levantavam-se abruptamente, sem as doces transições dos contrafortes afofados de verdura.

Serrotas pareciam umas cabeças de negro peladas de caspa. Ao meio-dia a cigarra vinha aumentar a impressão ardente. Os bandos de periquitos e maracanãs atravessavam o ar, em busca do verde, espalhando uma gritaria desoladora, sem um acento de úmida harmonia, sem uma doce combinação melódica, no ritmo seco, árido, torrefeiro, de golpes de matraca. O viajante, ao caminhar por algum souto de angicos e paus-d'arco, sem uma folha, penetrava instintivamente com o olhar por entre os troncos e garranchos com uma sede, já não de água, mas de uma notazinha vibrada por goela de pássaro cantor. Lá uma rolinha, lá um quenquém apenas piando.

O pobre emigrava como as aves, que vivem ambos do suor do dia. Eram pelas estradas e pelos ranchos aquelas romarias, cargas de meninos, um pai com o filho às costas, mães com os pequenos a ganirem no bico dos peitos chucados — tudo pó, tudo boca sumida e olhos grelados, fala tênue, e de vez em quando a cabra, a derradeira cabra do rebanho, puxada pela corda, a berrar pelos cabritos.

Margarida era extremamente generosa para os retirantes que passavam pela sua fazenda. O que lhes pedia era que não ficassem; dava-lhes com que se fossem caminho fora a procurar salvação nas praias, que era só para onde a Rainha olhava. Tinha duas escravas incumbidas unicamente de servi-los, já a dar leite cozido às criancinhas, já a passar na água alguns molambos que as pobres mães não tinham força para lavar, agora a armar-lhes redes no telheiro da casa de farinha, agora a fornecer-lhes carne-seca, farinha e rapadura.

Mas que se fossem pelo amor de Deus! Bem sabia ela que dois dias depois o retirante se tornava agregado. E agregado para quê?

Em vindo o inverno, arribavam todos para os seus sertões, e adeus minhas encomendas. Além disso, gente de toda a parte, até do Rio Grande do Norte e Paraíba, e quem sabe quantos assassinos?

O marido levava a mal aquela prodigalidade caritativa, mas lho fez ver em muitos bons termos, com umas delicadezas de quem quer bem.

Margarida calou-se; e continuou, na expansão natural de uma vontade sua. Até, pelo contrário, parecia tornar-se mais mãos abertas para com os famintos. Terceira admoestação do marido. Então ela voltou-se-lhe friamente:

— Eu dou do que é meu.

— E agora, Senhor Quinquim, que responder-lhe? — murmurou consigo o major. — Ela dá do que é seu! Dá do que é seu!

Era a primeira vez que a mulher lhe falava com menos respeito. Se arrependimento salvara... Mas para que a provocou? Para que a atacou de frente? Bem lhe conhecia a índole. Margarida era como um palácio cuja fachada principal desse para um abismo. Só havia penetrar-lhe pela insídia, pelas portas travessas.

O homem quando a desposara possuía apenas alguns vinténs de seu. Reconhecia que para viver com a mulher precisava de ter uma certa habilidade, faculdade essa que lhe era porém inacessível. Amara à Margarida em demasia, creio, e o vigor nervudo e musculento da herdeira do marinheiro Reginaldo Venceslau era como um moirão a que o Senhor Quinquim se deixara gostosamente sujigar.

Entre os retirantes passou um da Serra do Martins, Rio Grande do Norte, com a mulher, seis filhos e dois cunhados, cada um destes com quatro filhos e mulher. Tipo acabralhado, alto, corpulento, de topete caído sobre a testa como crista de peru. Já vinha muito roto o seu chapéu de couro. A camisa e a ceroula já não tinham mais cor.

Ao cair da tarde, arranchado ele com a sua gente em uma casa abandonada, ao pé do alto, perto da trempe de pedras onde fervia o feijão com arroz, recortava de uns tampos de couro cru umas palmilhas para as alpercatas; pois, coitado, as suas estavam roídas e sem correias.

A apregata, aos sertanejos, lhes é tão indispensável como o cachimbo e a faca no quarto.

Olha ela para a catinga, e vê dois cavaleiros apontarem no vaquejador. É raro ao sertanejo deixar de notar as pessoas que topa no caminho, o gado que vê pastando, e por aí além, com presteza e precisão. Lembra o mareante, no seu deserto de águas, a quem igualmente não escapa o menor batel que pinte ao alcance de seus olhos nus.

Firmou a vista:

— Um empanado e um encourado — disse.

De feito, aproximados, reconheceu um homem gordo, com um chapéu de manilha, vestindo brim pardo, botas vermelhas, cavalgando um bom cavalo de sela cardão rodado; e, em seguida, um pajem, mulato novo, ainda moleque, de roupa de couro e amplo matulão na garupa.

Os cavaleiros subiram o alto, foram apear na porta da fazenda. Aí o pajem desencilhou os animais, entregou lanudo matulão de pele de carneiro a uma crioula, despiu a véstia e as perneiras, recolheu os arreios a um quarto contíguo à habitação e saiu puxando o burro e o cavalo, caminho ao rio.

Neste comenos a mulher do rio-grandense chegava-se para este, que voltara a lapear o couro molhado, sentado num pedaço de rochedo que abrolhava fora da terra:

— Toinho, aquele é o Seu Damião.

— Que Damião, mulher?

— O Damião da Imbiratanha, filho da velha Luzia do Quinquim, da cidade de Sousa, que fez uma viagem com você para o Uricuri...

O marido, ligando ideias:

— Ai, home! Depois querem vê que ele é mesmo, minha gente! E nem me conheceu!

— Pois ele haverá de lhe reconhecer assim como nós estamos? Vai lá, Toinho, pode ser que até ele nos deixe ficar aqui nas terras dele, inquanto não chove.

— Eu, não, mulher. Não vou me apresentá aos homes assim nesta miséria desgraçada.

— Que é isso? E como nos havemos de arranjar?

— Assim nofragado não me apresento a conhecido, só não sabendo quem é.

— Tu não vai mesmo, não, Toinho?

— Com meus pés não vou não, mulher.

Fez lua nessa noite.

Carolina, que era o nome da retirante, subiu ao alto por junto ao cercado, atravessou o vasto pátio da fazenda, e foi-se chegando para a habitação dos donos. O Quinquim mandara armar rede no alpendre, e aí estava deitado, silencioso, pitando fumo a olhar para o campo suavemente iluminado.

Carolina deu-lhe boa-noite, e ficou calada. Depois de um pedaço:

— Vosmicê não é o Seu Damião?

Este, que não era conhecido pelo seu nome senão em Pernambuco e Paraíba, àquela pergunta em que a audácia da mulher pôs um artifício, moveu-se maquinalmente, depondo o cachimbo:

— Sou, sim. Que quer?

— Depois nós somos do Rio Grande... Mas porém... conheço vosmicê desde quando passou lá por casa com meu marido...

— Quem é seu marido? — disse vagarosamente o fazendeiro.

— É o Toinho Silveira.

— O Antônio Silveira? O meu velho arrieiro? Tocava muito bem viola, ninguém encilhava tão bem um cavalo. Que é dele?

— Já largou essa vadiação de viola, anda muito por baixo...

— Ele veio com você?

— Nós estamos no pé do alto, numa casa vieja. Penso que Sia Dona mandou nós prá lá...

O fazendeiro, no tédio em que ia mergulhando o seu lar pelas incompatibilidades de natureza, que o tempo já não podia conter, sentia-se tomado por uma saudade da sua província, do seu passado pobre, que agora surdia com um sabor de sonho. Tomou os chinelos de vaqueta, tirou de um torno o chapéu de couro, enfiou a faca no cós, por hábito, e seguiu a rio-grandense.

Aquela família, que tivera o seu gadinho, as suas bestinhas, e hoje a correr mundo com o lar às costas, como ciganos, lhe reaparecia, porém, com as correções de personagens de contos vazados pelo buril da frase meditada. A sua primeira ideia foi convidá-los para permanecerem no Poço da Moita até quando quisessem. Era isto um sentimento de tributo que entendia prestar à sua província, conquanto os retirantes não fossem pernambucanos. E o fez.

No dia seguinte, olha lá implicâncias da Margarida! Mas os senhores do Poço da Moita não batiam boca em suas terras.

A senhora manifestava-se por atos, por gestos, e sobretudo por um certo silêncio, que amargava, que esfolava. Porém desmoralizar escancaradamente ao marido, não era com ela. Disse-lhe apenas:

— Vossa Senhoria quererá construir aqui uma cidade com gente da sua terra?

— Oh, Guidinha! Aquilo são gentes muito boas, o Antônio e a mulher. Aposto que em oito dias ficará mais amiga deles do que mesmo eu.

— É. Mas eu obro mal em socorrer aos retirantes! — e calou-se, aguentando a dentada. Na verdade, ainda na véspera ele havia incriminado de excessiva a liberalidade para com uma canalha ruim como eram aqueles pés de poeira!

Antes de reentrar no seu duro silêncio, Margarida ainda mordeu ao gordão do marido:

— A Guidinha só protege a cabra ruim!

As negras receberam ordem para meter no serviço a gente do tal compadre Silveira: as cunhadas, ao fuso; os cunhados, ao campo, tratar do gado com os vaqueiros; a mulher e as irmãs, que se ocupassem da ninhada. Margarida não tivera filhos, e como os desejasse com a força de suas vontades, tratava sempre bem aos pequenitos e às mães que estavam criando. Não era isso uma sentimentalidade cristã, uma ternura, era o egoísta e cru instinto da maternidade, obrando por simpatia carnal. Quanto ao pai do lote (referia-se ao Antônio), esse que fosse ajudar ao vaqueiro das bestas.

Ordens dadas, o Quinquim referendava. Cada um moralizava o outro, para moralizar-se a si.

Mas em pouco tempo tornou-se aquela implicância da senhora em aberta proteção aos Silveiras, cuja boa conduta a chamara ao rego, paulatinamente.

Era o mês de março, passado um ano. Por sobre a casimira verde das beldroegas polvilhavam-se constelações deslumbrantes de mica, ao sol nascente. No pé do alto, a erva afogava o velame ressequido pelo tremendo verão de dois anos, em acolchoamentos de lã; o sol, a sair por detrás das colinas, produzia sombras no íntimo da infinita camada de frondes vivíssimas, que encobria a terra, com uma soberbia e uma vitória. Os picos amanheciam logo enfronhados em um colarinho de névoas. A pastagem era uma imensa pelúcia. Formigas de asa, com cambiações de madrepérola, à luz baça dos alvos dias de neblina, salpicavam a mancha fulva e remexida dos formigueiros revolucionados pelas águas novas. E o gaitar dos novinhos como que a imprimir por tudo um impulso másculo. A rês não andava agora de ponta caída, mas com um balanceado de cabeça, um donaire de mulher núbil. Aos currais, onde desde o último dia de junho a bem dizer não corriam os paus de porteira pelos buracos dos moirões, recolhiam todas as tardes as vacas a impar de abastança.

No dia 26 de março pôs-se à mesa o primeiro queijo. Em janeiro, havia dado uma chuvinhas, fugaz esperança, que não deram para segurar o pasto. E a babuge — foi arrebentar e logo sumir-se outra vez na casca estorricada dos galhos nus. Acordara, e de novo adormecera a natureza. Agora, porém, era mesmo um despertar buliçoso de criança com saúde.

Era domingo aquele dia 26. Quinquim, ao quebrar das barras, montara a cavalo para ir à vila, ouvir a sua missa. Levava um crioulo com umas cargas de malas, para fazer a feira: precisava de alguns gêneros mais vasqueiros para sortir a despensa. Nos outros anos quase não era necessário ir-se comprá-los ao povoado, porque pela estrada passava de um tudo; mas naquele, o trânsito havia já diminuído por causa da falta de pasto e de cavalgadas, e pelo pouco que aparecia, que ressurgia, pediam um preço de esfolar, embora o matuto fosse vender o mesmo gênero mais barato na primeira feira onde arriasse o comboio.

Margarida erguera-se também cedo para tornar o dia longo, no gozo do inverno, como se o berrar das vacas no curral fosse para ela uma novidade,

como se o perfume do mato verde pela primeira vez lhe acordasse os desejos. Tocou ainda com escuro ao banho no rio, que já estava baixando. Ao voltar tomou o café, e seguiu para ver tirar-se o leite.

Não parecia contar já os seus trinta e cinco anos de idade. Os cabelos, tinha-os de um castanho encrespado, e a pele lisa, e uma destreza facilidade de movimentos, com umas risadas que pareciam ecoar pelos serrotes peludos de frondagem. Segundo o uso do tempo, ia de saia e cabecão; o ar morno da manhã de inverno circundava-lhe o colo e braços nus; e trazia ao pescoço enfiado um rosário de ouro. Sem meias, calçava em casa os seus chinelos de bezerro nonato, com debruns vermelhos; mas para o campo usava tamancos com rosto de pano grosso.

Subiu pelos paus da porteira, endiabrada que sempre foi, como por escada de pedreiro, e foi sentar-se em cima, no grosso pranchão que liga os moirões à guisa de padieira de porta. Belo panorama!

O lado para onde ficava o rio distinguia-se por uma faixa verde-negra, que principiava e acabava com o horizonte. Daí, via-se de quando em quando passar um branco voo de garças. O mato encobria tudo, a vedar como que os pudores da terra fecundada. Lá, em um ponto, um rochedo alvejado pela umidade, ao sol, abria uma clareira. Acolá ficava tal serra, ali tais campos. Em tal parte estava chovendo...

Onde estava o novilho rajado, o Muniz? A vaca Peito Duro não veio ao curral?

— Inhora, não. Mó de que esta noite uvi o novio gaitá pra Lagoa? — respondia o vaqueiro, falando muito alto, como eles costumam.

Uma crioula adiantava-se agora do meio das vacas, e apresentava à senhora uma cuia de leite espumoso.

— Eu quero é capucho, Luísa.

E gritou:

— Compadre, despeje esta cuia no pote, e me mande um capucho!

Dizendo isto, foi voltando novamente o olhar para o pátio. Dando com um cavaleiro, que se aproximava, acrescentou à surdina:

— Ó compadre, quem é aquele que vem ali?

O vaqueiro pôs-se nas pontas dos pés:

— Não sei, Inhora, não... Mas mode coisa que é gente de Pernambuco?

Margarida, que a princípio julgava ser algum conhecido, ficou contrariada.

Era tarde para descer da porteira, porque o homem, tendo vindo pelo canto do cercado, aparecera de supetão.

Diante dos vaqueiros e dos escravos, Guida não fazia cerimônias; mas, vendo encaminhar-se um cavaleiro de certa ordem, ficou sobremodo acanhada. E não podendo descer, que ele já estava, a bem dizer, a dois passos, nem ficar, que era impróprio, teve logo um sentimento de revolta contra quem quer que fosse o homem que assim a colocava em situação difícil.

— Deus dê bom-dia... — balbuciou o desconhecido.

— Bom-dia — murmurou ela com uma cara não sei de quê, passando ao mesmo tempo um rápido olhar analisador no tipo, no seu arrieiro e nas três cargas que o acompanhavam. Havia de ser pessoa de categoria... Algum moço que ia tomar ares... Mas a sua aparência... e com três cargas de baús...

— A Senhora tenha a bondade de desculpar-me... — titubeou o mancebo, reparando no rosário de ouro. — Com certeza não era senão alguma rica e extravagante fazendeira, pensava, das não muito raras no Ceará, alguma Feitosa... Ai não embirrasse com ele! E o marido mandaria ali mesmo tirar-lhe o couro!

— Esta fazenda, minha Senhora, pertencerá por acaso...

— Vosmicê faça o favor de seguir ali até a casa, que lá lhe responderão tudo — atalhou a Senhora, achando felizmente um meio polido de afastar aquela presença importuna. — Luísa, acompanhe este moço.

O viajante fez uma reverência, tirando o chapéu e tocou para lá.

— Compadre, — virou-se ela para o vaqueiro, quando o moço se afastou — vá lá, e veja o que ele quer: mande apear, sirva do que for preciso, que parece até ser pessoa de civilidade...

Aproveitando o ensejo de dar-lhe as costas o cavaleiro, ela desceu apressadamente, fez uma grande volta, por um velho chiqueiro de criação, a fim de recolher-se pela cozinha. E não tomou a cuia de espuma de leite.

A Guida foi para um quarto de depósito, onde havia trastes velhos, malas, baús e, dependurados, vários cilhões finos e selins de montaria de senhora. Entrou a revistar um destes, que no dia anterior voltara de um empréstimo. Ouvia mais ou menos bem o que se passava lá fora entre o vaqueiro e o viajante. Este pedia que lhe arranjasse um bocadinho de leite, que estava seco de vontade; por assim dizer, não tocara nisso naquele ano.

— Vossa Mercê não se ofenda, mas primita que lhe diga, meu amigo, que leite se vende é do Batrité pra baixo — respondeu o vaqueiro. — Nêu, vai vê ua cuia de leite pra este moço... Vosmecê se apeie: o patrão está na vila, mais a Dona me aturizou a ofrecê rancho a Vossa Mercê.

— Muito obrigado! — disse o moço, pondo o pé no barro. E virando-se para o cargueiro: — Seu Joaquim, vá seguindo, que eu já lhe pego. Antes de você alcançar a vila, estou-lhe nos mocotós.

— Ainda faltam as outras cargas.

— Olhe que é três léguas grandes — obtemperou o vaqueiro. — Seus burros, a onça está come não come.

O cargueiro, com prosápia:

— Não tenha medo disso, amigo. Estes mesmos não cansam já não, mas é o mesmo. Joaquim Moreno não é esta a premera vez que anda de viagem com esta nação de bicho, graças a Deus.

— Vá caçoando, vá fazendo pouco em burro — pacholou o vaqueiro.

— Vêm bem milhados — concluiu o Secundino.

— E as outras cargas? — perguntou o arrieiro.

— Vá seguindo, eu fico esperando por elas.

O comboieiro, estalando o chiqueirador, falou aos animais, e palmilhou pelo caminho abaixo.

— Té outra vista, senhor.

— Seja feliz — correspondeu o vaqueiro.

Vinha o Nêu com o leite; e o pai, entregando a cuia ao moço, reparando bem no seu todo e maneiras:

— Que mal prigunto, mó de que Vosmicê é negociante vendedor de fazenda e miudeza?

O hóspede achava-se realmente bem aboletado. Mesa, bacia de rosto com uma toalha, chinelos. O ar é que não tinha por onde arfar senão pelo telhado, visto como as paredes subiam até às telhas, e as duas portas interiores, uma para cada lado, parece que há tempos não se abriam. Como diabo se explicava aquilo de elevarem as paredes divisórias ao teto, em clima tórrido? — pensava o pracioneiro. No mais, com muitos armadores, bem caiadas, com a sua barra de cor sarapintada de verde e encarnado.

Precisou abrir uma das malas para mudar os chinelos, porque os que ali havia, de trança portuguesa, eram quentes, e também para meter-se no seu paletó e calça de brim, mudar camisa, etc. Arredou a mala preta e de pregaria para o meio da casa, meteu a chave e abriu. Não encontrava mais camisa limpa. Era preciso ir à outra mala. Feito o mesmo, foi remexendo. Ainda não havia tocado naquela. Estava tudo direitinho como lhe saíra de casa, o espaço aproveitado com usura, a roupa leve por cima, a pesada embaixo, as meias pra um canto, as gravatas, os botões, os alfinetes, os frasquinhos de cheiro, de amoníaco, os remediozinhos providentes. Plantava ele agora ali a desordem, alterando, machucando. Quanto capricho, quanto amor subia dali! Mãos de mãe, que desprezara por causa do padrasto! De esposa, bem de que ele não gozara ainda! As que arrumaram aquela roupa, os cuidados ali acumulados uns sobre outros, as saudades, eram não menos caras, de irmã. E patética e suave surgia daquela mala a alma da família, que ele não julgava querer tanto, dentre tudo persistindo a lembrança dos amores que por lá deixara. Ah, destino! Mas não havia jeito senão ter partido de Goianinha. Vira-se forçado. Apontado como cúmplice no assassinato do padrasto, os tios, irmão deste, estavam vendo a hora em que o levavam pelo cós, visto no processo a coisa ir-se complicando. E o Silveira? O Silveira é que sabia bem que ele não fora mandante do assassinato. Verdade seja que se achava bastante intrigado com o padrasto e tio por causa de Martinha, e que não entristeceria com a morte deste, de que resultaria até uma boa herança para sua mãe; levar, porém, isso até o desejo do homicídio, não, não era para ele, Secundino. Viajara com o Silveira do Recife para Goianinha no dia em que foi

Mal o Secundino ia-se erguendo, apresenta-se-lhe, coçando a carapinha, um moleque a dizer-lhe:

— Eu vim aqui qui a Senhora mandou pra acompanhá Vosmicê e servi no que for preciso.

— Ah, é o Anselmo? — disse a Carolina. — Como estão todos lá, Anselmo?

O Anselmo respondeu pausadamente que tava tudo bom.

O vento, dando-lhe na fralda da camisa, patenteava as canelas finas do cabrinha.

— Pois vamos, Senhor Anselmo. Tenho muito prazer em acompanhado por Sua Senhoria.

— Unh! — fez a Carolina. — Olhe lá o Anselmo! Já tem senhoria! — E para o Secundino: — É um molequinho bem ensinado e tem cadência para tudo, como poucos meninos brancos. Fez um calunga com canivete, que fazia gosto.

O Silveira explicou bem o caminho e o banho do Secundino. Não o acompanhava porque ia ter com Seá Dona, que desna d'onte qui queria que ele fosse pegá um jumento po lote... A criação de burro tava tendo munto apreço, qui burro é bicho bom pra carga e fácio pro penso... Ele esperava vir a ser o vaqueiro das bestas praque o qui estava ia largá...

E, virando-se para o moleque:

— Leva ele ao poço do Meio, que é onde o banho está mió...

Afastaram-se. A Carolina ainda gritou para o moço:

— Olhe! Non se esqueça de fazer o Pelo sinal... Antes de se meter nágua! Vosmicês quando ficam homens não se importam mais com reza!

E o Secundino, já longe, palmeando com vagar por debaixo das umarizeiras:

— Senhora, sim! Eu sou bom cristão!

Caminharam um pedaço silenciosos. Um vento brando acamava de leve a pastagem, crescida com abundância. A proximidade do rio trazia uma confusão musical de marulho, de pios de ave, de sussurro da aragem.

Desceram a ribanceira de salão, um barro salgado, cor de cimento, que se desfazia em pó finíssimo. Ao pisarem no saibro do leito, um gavião piou no olho de uma árvore, e o Secundino com a gana do caçador exclamou, pesaroso:

— Ah, diabo! Se eu tivesse trazido a minha lazarina...

Atravessaram o saibro, e o caminho se estreitou entre duas moitas. Adiante, ainda saibro.

— Qu'ê d'água! Onde fica o poço?

— Pur aqui o rio só bate na enchente. A gente passa aquela vereda e dá logo no rio. Tá vendo aquela garça no oio daquela canafista? Depois é acolá.

Efetivamente o caminho adiante enveredava, cortando outra moita. O moço ia enxuto; quase não caía orvalho que o molhasse. Os galhos do mato batiam-lhe nas pernas sem despejar uma gota; os tamancos haviam apenas calcado na umidade de alguns trechos de lama velha, no almargeal.

Ele sentia-se bem disposto.

— Que idade tens? — perguntou ao moleque, para desopilar.

A Senhora dizia que nove anos. Nascera pela missão de Frei Serafim.

Aqui, o moço foi puxando um diálogo, falante que era o cabrinha.

A Dona Guidinha tinha filhos?

Que não, que a Senhora não tinha fio nenhum; o Sinhô é que tinha dois fio apanhado, que moravam na Goiabera e eram já home.

A senhora gostava deles?

Se gostava? Não sabia.

Era ruim para eles?

Inhor, não; era até munto boa.

Como se chamavam eles?

Um, o mais veio, qui era zanoio, chamava-se André Virino; o outro, o mais moço, qui fazia carro e trabaia de urive e de carapina, se chamava Zé Tomais. Este bebia...

A Senhora era boa para os escravos?

Inhor, sim, mas às vez usava de barbaridade, às vez era muito rispe. Gostava munto de guardá rixa. Quando tinha raiva era capais de matá... Ele havia levado ua vez ua surra qui ela deu qui ficou cãs costa ferida. Mas tirante disso, era boa dimais.

E para o Senhor?

Pra o Sinhô? Achava que sim. Mais as nega às vea dizium qui eles tavam mau. Ti Jaquim rifiria qui a Senhora era cuma cavalo cacete, qui tem sinau incoberto.

Era muito rica?

Diz qui munto.

Possuía muito ouro?

Diz qui munto.

Muita prata?

Inhor, sim. Cuieres, copo, bacia, jarro... Mais tava tudo cage sempre trancado, só butava pra fora dia de festa...

Haviam chegado ao poço do Meio. A areia estava úmida, em alguns pontos ensopada.

— A gente tira a roupa é ali naqueles pés de gerimataia.

Secundino respirou. O ambiente era de uma frescura alentadora. Sentou-se à sombra cariciosa dos ramos. Com pouco entrou a despir-se, vagarosamente. Como numa tela, assim no grande silêncio da natureza, o chilreio dos pássaros, os rumores do vento e da água, pintavam-se em harmonioso conluio. O rio não cortara ainda. Em branda correnteza metia-se pelo poço adentro, e adiante saía murmurando, espalhado por entre os blocos de um lajedo.

O moleque recusou banhar-se.

— Tens vergonha, rapaz?

— Inhor, não. Eu vou é pegar piaba.

E enquanto o moço matava a sede da pele a remexer-se na água como um pato, o molequinho, de camisa enrolada na cintura, pescava com a mão as piabas que tangia para os buracos da rocha, poço abaixo.

Dar hospedagem era um prazer para aquela gente no isolamento rural em que vivia, como ao fino cavaleiro a prática de uma fineza ou o regalo de um bom cavalo. Emprestavam até uma certa superioridade a quem vinha de fora, numa simpleza de costumes antiquíssimos. As secas e o progresso têm, porém, apagado já algum tanto semelhantes singelezas de gente forte. A seca faz o retirante, esse ilhota.

O próprio bonacheirão do Quinquim uma vez mandou chegar um ao moirão porque o vira pular de uma roça com um saco de mandiocas. A Guida, mãos rotas, que fazia derramar ancoretas de vinho nas suas festas, senhora de suas ventas, essa era extremada no proteger ou no perseguir. Pelo dito Silveira, um dia fez também cortar a facão os cachos de um cabra de Lavras de Mangabeira, mais aventureiro que retirante, que bulira com uma escravinha de estimação. No seu temperamento e educação via com bons olhos a chegada de Secundino, cuja má qualidade de parente do marido se perdia na de hóspede.

Verdade seja que por ocasião do assassinato do seu cunhado Belmiro, de Mossoró, o Quim falou-lhe num sobrinho, enteado da vítima. A mãe de Secundino fora casada com dois irmãos, e do moço dizia, segundo o que as cartas rezavam, ter tido parte no crime na qualidade de cúmplice. E parecia-lhe dever ser aquele, visto como o tratavam pelo nome de Dino em as referidas cartas. Mas que tinha isso? Em todo caso seria um perseguido da justiça, um fraco. E sendo assim, ela até estava disposta a exigir do marido coração à larga e homizio para o criminoso. Belmiro era seu irmão. O rapaz quis que o matassem? Na verdade era duro de roer. Mas enfim, ficava tudo no mesmo sangue... E, além disso, que haviam de dizer de Dona Guida quando soubessem que negara patrocínio a um réu que lhe viera bater à porta?

Qual a causa da rixa de Dino com seu tio e padrasto Belmiro? Sobre este ponto o Quim não lhe dissera nada, as cartas guardavam silêncio. Então? Podia ter sido até algum ponto de honra. Nestas cogitações recebia ela o marido, que voltava do povoado. Ali à boquinha da noite.

Secundino passara o dia satisfeito. Ao recolher-se do banho, tossira, e sem demora a negra Luísa, com a sua carapinha bem entufada e vistosas pulseiras, apareceu-lhe com um copo de leite fervido. Mais tarde, quando o moço acabava de barbear-se, vinha o Anselmo chamar para o almoço. Antes de ir, Secundino passou uma vista em si e consertou o cabelo ao espelho.

A sala de visitas era mobiliada com rigor. Canapé, cadeiras, mesas com pés de talha. Nas paredes, caiadas, nenhum retrato. Um registro de Santo Antônio e outro de Santa Margarida de Cortona.

Na orientação em que era construída a vivenda, o sol não se derramava por ela com franquia; mas vinha do interior, com o cheiro de leite azedo, peculiar das fazendas em tempo de inverno, um aroma de bálsamos agrestes, que o vento trazia, e o bafo confortante da boa carne assada na brasa. O corredor, onde, para cada lado, cerravam-se duas portas, desiguais e sem simetria, era algo escuro. A sala de jantar seguia-se logo.

Quem foi o Secundino encontrar para lhe fazer companhia? O vaqueiro, o Seu Antônio.

— Para aqui, Seu Moço, desta banda é mais fresco.

— Oh, meu caro Senhor! — exclamou o rapaz, puxando a cadeira que lhe oferecia. — Se não me engano é o mesmo cavaleiro que me fez as honras da chegada, não?

— Inhor, sim. Antônio Moreira e Silva, um criado de Vossa Mercê.

E como, na sua perspicácia de cearense, conhecesse um ligeiro desdém por parte do mancebo em sentar-se à mesa com um vaqueiro, acrescentou:

— Sou dos Moreiras do Quizelô, não sei se Vosmicê já ouviu falar...

O Secundino porém estava encantado com o sabor da carne e da farofa de nata. E semelhantemente foi o jantar. Quando o Major Quim chegou, estava ele numa rede do alpendre, com os olhos para o descampado, onde se iam esbatendo as primeiras sombras da noite.

As vacas tinham recolhido ao curral com o bucho a impar. Os garrotes, do lado de fora, davam-se a exercício, experimentando forças como se estivessem brigando de veras, naquela satisfação de rapazio nédio. Dois novilhões acabaram em briga séria, levantando poeira no tropel da luta. Ouvia-se o grito estrídulo dos capotes, para detrás da vivenda, áspero como lixa, selvagem como o maracá.

Lembrava a agrura dos penedos torrados do sol, que rasgavam o verde manto da terra farta de inverno.

O Néu correrá o último paui da porteira. No vaquejador, para a banda da Serra do Papagaio, apontaram dois homens, um encourado e um empanado, e uma carga.

— M'pai, — diz o Néu — aí vem Seu Majó.

A esta voz, Secundino, que ouvira do alpendre, olhou. Ainda vinham distante. Começaram a desaparecer por um momento na passagem do rio.

— Deixa vir — fez o Seu Antônio, que atentava para os bandos de criação que subiam a tomar para o lado do chiqueiro.

Um novilho gaiteava na catinga, aproximando-se.

— Agora é que tu vem, diabo veio! — gritou o Néu. — E depois: — M'pai, fale a Seu Majó pra se beneficiá o Muniz. Lá vem ele. Aquilo não presta senão mais pra chamurro.

E entrou a aboiar, trepado na porteira. Ao som prolongado e contínuo, o gado punha-se à escuta.

O jovem ergueu-se da rede. Produzia-lhe aquilo um efeito vivo, verdadeiro gozo poético. A voz do vaqueiro serpeava como o rio, e tinha como este marulhos e frescura. Sussurrava como as árvores, e lembrava o cheiro acre e a salutar monotonia do verde. Ia indefinidamente, cálida e aguda como um raio de sol, e retraía-se como o sol quando passa uma nuvem. Parou. Depois recomeçou.

No jovem civilizado vinha à tona, com aquela toada rústica, a nostalgia do bárbaro e do selvagem. O homem primitivo lhe emergia de dentro, lá se ia o cérebro ruminando fantasias imensas como o tempo, em mundo de deleite, num torpor de sonho.

Ao fim do dia, a velha Dona Anginha trocava os seus bilros, e a Guida ponteava o seu labirinto no tear. Desde que o Secundino viera almoçar, a velha se metera com ele numa prosa interminável. A Guida intervinha:

— Mãe Anginha, deixe o moço. Ora, já se viu... — E para o hóspede: — O Senhor não repare estas coisas, não: é costume velho de Mãe Anginha. Quando agarra uma pessoa, quer fazer logo um rol de tudo quanto há. E se é gente que vem de baixo, então...

— Mas, pelo contrário, tenho até muito me aprazido com a conversa da Senhora Dona Ângela. Eu sempre gostei de conversar com os velhos.

— Quem, o Senhor? Não lhe gabo o gosto. É porque não os tem em casa.

— Se tenho! Por lá não se morre. Há um ror de cabeças de algodão.

Guida riu, e largou esta:

— Por lá só se morre de faca...

— E fica-se por cá mesmo, Senhor Secundino? — voltou a velha, no seu compassado falar, como se a Guida não houvera dito nada.

— Pois já não disse? Vou para a vila. O tio Joaquim vai mandar limpar a armação da casa que ele tem lá, que está fechada desde que acabou com o negócio, e eu vou-me estabelecer com as fazendas e miudezas que trouxe.

A Guida, querendo furtá-lo à maçada da velha:

— Já reparou bem nisto por aqui, Senhor Secundino? Já foi ver a cacimba? É aberta na piçarra. Deu um trabalhão a meu avô...

— Então é ainda obra...

— Do princípio do século passado. Hoje o sertanejo não faz nada mais daquilo, vive desanimado. Naquele tempo, sim.

E olharam o campo.

— Este terraço é a melhor sala de trabalho. Ouve-se daqui o que se passa lá fora, vê-se a labutação da cozinha, está-se ao pé da sala de jantar e da dispensa...

— Mas o calor?

— O calor? Agora não faz calor aqui. Mesmo pela seca tem o quintal e estas árvores, que refrescam o ar...

No dia seguinte já o Secundino se fazia de dentro. E dizia-lhe mesmo a mulata Luísa:

— Nhô Moço, vá-se fazendo de casa... Vosmicê non é sobrinho do Sinhô? E apois então?!

O rapaz nem se lembrava de abrir os livros de histórias e novelas que trazia, para matar o tempo. Divertia-se presenciando o traquejo da fazenda. A Guida mandara pôr às ordens dele o seu Marreca, um excelente alazão. O tio Joaquim, como pelo prazer de mostrar os seus possuídos, levava-o para ali e para acolá, a tal fazenda, a tais campos, já a assistir àquele serviço, já a visitar aquele sítio notável por algum episódio sanguinolento. Caçar é o que ele fazia pouco, o tempo não sendo ainda o apropriado. Pelo verão, sim, ele havia de levar o peito em boas pontarias. Os banhos, cada vez a melhor. Ia senhoriando-se da topografia complicada daquelas paragens eriçadas de penedos, penugentas de capinzais, cabeludas de catingas e carrascos, encalombadas, mas onde por toda parte opulentava-se o milagroso fiat do inverno.

No domingo o Quim não foi à missa, mesmo porque no sábado seguinte pôr-se ia a caminho para a vila, acompanhando ao sobrinho, que ia inaugurar o seu estabelecimento.

Com a notícia que correra, de que o Major hospedava um moço de Pernambuco, um cavalariano, diziam, o Poço da Moita teve nesse domingo muitas visitas, dos principais criadores daquele círculos, que eram gente de posses medíocres em sua maior parte, não tocando nos parentes de Dona Guida, pessoas de vulgar abastança.

O almoço foi tarde como passara a ser com a vinda do Secundino, e à roda da mesa não ficou um lugar vazio. Na véspera haviam feito matotagem de uma vaca liso-vermelha, descansada, cuja carne, chilramente cozida, sabia como se lhe houvessem aplicado mil habilidades culinárias. A panelada foi lua — não chegou para quem quis. A vivenda, tudo escancarado, estava cheia da algazarra daqueles matutos agigantados, alegres, gente ainda séria, mal encarados como novilho e dóceis como ovelha. Guida e o marido, guardando segredo sobre o verdadeiro porquê da

viagem do sobrinho, faziam cuidar mesmo os fazendeiros que estava ali um cavalariano, isto é, um negociador de cavalos (que os vinham então de Pernambuco adquirir nos sertões suculentos deste Ceará de meu Deus). Logo fizeram ao pernambucano ofertas de animais, e quantas!, para barganha.

Antes de ir para o almoço, passaram toda a manhã no pátio da fazenda, em escaramuças de picaria. Cada um floreava melhor no seu ginete. E eram prosápias a oito. Aquele ruço fizera quarenta léguas de marcha em dia e meio, e não se dera por achado. Um cardão marchava alto, meio e baixo, sem ter estado na escola. Um certo castanho, o cavaleiro podia levar um copo d'água na palma da mão, cheinho, que nem o copo virava nem da água se derramava um pingo.

— Ai daí! — esgoelava o Seu Antônio. — Ca'alo cuma o Marreca da Seá Dona Guidinha, que chega aquilo macha sereno que mó de coisa que non bota os pés no chão, e chega mó que vai avoando pelos ares!

Ao meio-dia fez um sol quente e branco. Os cúmulos de inverno, impertinentes, monstruosos, apresentavam alvuras que doíam na vista, e negrumes, sem transição. A verde frescura do horizonte atenuava a aspereza do firmamento. E as visitas foram arribando; só ficaram as mais íntimas.

No alpendre, entretinham animada convivência, em grupos, conforme à posição das redes. Secundino mais o Miguelzinho e o Tomás, dois volumosos fazendeiros, parentes de casa, sentavam em mochos. Guida forçou o mancebo a tomar uma cadeira de palhinha, e aventou jogarem a bisca.

— Apois vamos lá. Mande ver o baraio! — grasnou o Tomás, na sua fala de asmático.

— Você é a minha parecera! — roncou o Miguelzinho, o cabeludão, que era torto (uma ponta de pau quase o cegara em rapaz, quando botava o cavalo a um barbatão).

Margarida lançou-lhes um olhar, que eles não entendiam.

O parceiro dela foi o Secundino.

O parentão cabeludo, sempre com aquela voz atroante e amiga, chalaçou para o jovem:

— Você foi quem mereceu a honra, hein, meu cabeça de coco?

Servia de mesa um mocho coberto com um chale vermelho. A Guida puxava conversa com o mancebo. De quando em vez, como uma lufada,

vinha por ali uma gargalhada coletiva dos que cercavam ao Quim, que estava sentado no batente, à mangalaça, com seus chinelões de couro de maracujá, seu camisolão de chita encarnada e amarela, amostrando o peitão que parecia uma chã de rês descansada. Guida voltava então a cabeça para a troça, e ao tornar, punha um olhar na esbelteza do parceiro, no seu todo bem espanadinho de gato de casa de boa gente, que sabe lambers-se, ou de ave solta, que se cata à sesta e não tem sujo de gaiola.

Mas sim, é verdade, conhecera de lá o Silveira, dizia ela para o moço. O Silveira tinha contado, quando veio para ir ver o jumento em casa do Tomás...

— Ah! Ele chegou-me ao Timbó pedindo alvíssaras — entrou o parente — dizendo que o patrão estava c’ua joia, um sobrinho assim, assim, que era camarada antigo dele...

— É verdade, somos conhecidos velhos. Ele foi arrieiro de meu pai.

Houve uma pausa.

— É meu! — brada o Miguel, puxando uma vaza.

— Qual seu, homem! Quem botou o rei foi a doia.

— É meu, mulher! — repisou o turra, desmanivando a vaza. Está aqui o rei de espada...

— Pois, Miguelzinho, você quererá sustentar que o rei de espada era seu?

— Era sim! Largue o cabresto que a besta é alheia.

A Guida sacudiu as cartas na mesa:

— Vamos de novo! Tomás, embaralhe.

Subira-lhe o sangue. Daí, como estivesse em presença do praciano, impôs-se a calma. Aquele Silveira era boa pessoa, não? Assim parecia.

— Era, sim, Senhora — afirmava o parceiro. — Era muito fiel. Tinha uma coisa: não podia tocar em bebida.

— Perdia o senso?

— Xi! Ficava doido de pedra.

— Ah! Era muito raro ele beber. Ele se conhecia bastante...

E a Guida a repisar que era muito serviçal e pacato. O retirante melhor que ela vira. Trabalhador... Mas meio topetudo. Ninguém lhe botasse a mão, que havia de ver uma fera. Estava no seu direito. Em 25, ela era ainda pequenota... A princípio, confessava, teve certo sobrosso quando se falou em seca. Amedrontava-se com a ideia de que a sua habitação fosse

acometida por bandos de celerados famintos, como onças, ou por dolorosa turba de cadáveres semoventes. Todavia, não foi como ela pensava. Os que ali tinham vindo não eram uns sentimentais, nem lamurientos, nem assaltantes.

— Ah! Para mim é coisa líquida. Só a falsa miséria faz o crime, ou a lamúria como a dos ciganos — dogmatizou o jovem parceiro. — Eu fico indignado com os tais ciganos!

A Guida continuava. Naturais, resignados, mansos, os retirantes. Não se entristecia tratando com eles. O que ela sentia era vontade de ajudá-los, como cristão a cristão...

— Sim, de homem a homem, pelo instinto de salvaguardar a espécie — disse o da praça. — Não revelavam angústia pelas feições. Tinham era umas caras de tísicos, olhos brancos e grandes, dentes de fora, maçãs pontudas, pele de velho, cor encardida...

— Você não avalia — falou o Tomás, na sua voz rouca — você não avalia os benefícios que esta mulher fez àquelas pobres criaturas.

— Hão de ser teu talismã, minha Senhora Prima! — bateu-lhe o Miguel no ombro com seus afagos de canguçu. — Mas peço-te já o sete! Passe onze jogos.

— Tome lá, engorde.

— Espere! Eu neguei trunfo. Com licença...

— Assim é que eu gosto de ver.

A Guida estava de frente para o campo. O sol já entrava no alpendre pelo lado do rio. Lá embaixo, a palhoça do Silveira, novinha, exposta ao meio de um terreiro limpo, com os meninos do lado de fora, vadiando o jangalamarte; perto a fímbria do bosque, limitando-lhe o terreiro uma barra de mato seco. O gado malhava ao sol. Debaixo dos tamarindos cochilavam os burros do serviço...

— Era um animal que valia a pena, o burro — aventava o Tomás. — Lá por Pernambuco haviam de ser bem reputados, hein?

— Muito! — respondeu o praieiro.

— O Silveira tem muito feito para lidar com eles — aproveitou a Guida.

— Pudera não? É arrieiro velho. Para animais de carga é mestre, para o gado bovino é um bobo. E ele até sabe ensinar, entende lá o seu bocadinho de rédeas.

— Quero dar-lhe o meu castanho para ver. Mais essa gente de baixo não costuma sê lá muito boa prá mestre de cavalo, não, Senhor.

A conversa parou por um pouco. Num tom de velha familiaridade, volve a Guida, depois de momento de concentração:

— É verdade, ele quando vai para Goianinha?

O Secundino mirou-a com surpresa:

— Ele vai para Goianinha?

— Sim, menino. E por que não há de ir? Ele tem de voltar com os seus cargueiros.

— Ah! Então ela já sabia de tudo? — murmurou o mancebo consigo mesmo. — Mas que indiscrição! Pois não era tão bom que ele fosse passando como cavalariano como estava, como simples especulador?

O caso é que a outra notou-lhe o embaraço:

— Eu quero que ele vá... Deve fazer muito boa venda de um lote de burros que eu tenho no Vavaú...

— E que peças que são aqueles bichos! — brada o Miguel com entusiasmo. — São cinquenta bagos a oio fechado!

— Alto e malo?

— Sim, Senhor. É de uma raça de jumentos da Bahia, que eu tenho lá. Ca figuras! Bem encascados que faz gosto, possantes... Tem até um que bralha.

Guida repetiu:

— Eu quero que ele vá, impreterivelmente.

Secundino fazia silêncio, meio confuso. Então ela queria que o homem fosse, isto é, que o Silveira se largasse para Goianinha a fim de jurar no seu processo, aliviando-o de semelhante pesadelo? Queria, estava dizendo de sua boca. Era pois certo o que se espalhava a respeito dessa mulher generosa e valente. Feliz quem lhe caísse nas graças. E notava agora na parceira uma harmonia de traços, que não lhe tinha visto ainda, que venciam a rudeza dos modos da matuta, espalhando, como a frutificação do croatá, dentre os espinhos, um aroma denunciador.

Começou o rapaz a sentir-se muito grato àquela senhora.

Março findara com três dias de aguaceiro.

Sábado, 8 de abril, meteriam o pé no estribo para a vila. A casa ficou pronta na terça-feira. O Secundino não tinha mais do que chegar, arrumar as mercadorias na prateleira — e toca a vender.

A 3 de abril, porém, a chuva roncava de novo.

A lama no curral engolia já até ao meio da canela. Por mó disso, os bezerros começavam a repugnar quando lhes chegava a vez, a eles, tão ávidos em correr para as mães. Como se o atoleiro mordesse, as vacas sacudiam o pé frequentemente, com o que os tiradores de leite se danavam, desandando murros nas pobres. Também, ao menor descuido, lá os diabos faziam virar a cuia, às vezes já cheinha de leite!

O gado buscava o limpo, e não perdia uma abertazinha de sol. No dia 7 a chuva batia já pela manhã, e a 8 vinha à hora do almoço. Uma tolice fazer viagem com um tempo daqueles, sem maior precisão. Ficaria para domingo, para segunda, para terça-feira, quando Deus quisesse, que o Secundino estava em casa — dizia a Guida. Ir-se com semelhante lamaçal era tentar a Deus. E uma pessoa que não estava acostumada com o sertão!

O marido concordava, e Dona Anginha abodegava para o moço que não se avexasse, que a chuva era um bom sinal para os seus negócios... O rapaz mostrava-se um tanto contrariado. Quando tinha de fazer uma coisa queria fazer logo, senão passava o gosto.

Com o tempo fechado, a vida do interior tornava-se mais íntima e animada. Ficavam mais tempo à mesa, achando prazer na convivência, e tinham mais vontade de comer. Lá fora, ou o ruído da água e do vento, ou a claridade pondo um encanto no relevo da paisagem vicejante e lavada.

Era o dia de São Secundino, e enfim ele se resignava. Ao almoço, paçoca. O dono da casa, à cabeceira, de frente para a janela aberta sobre o sertão. A paçoca estava demasiado gorda.

— Bote farinha, Secundino. Você não tem estômago de sertanejo para aguentar semelhante gordurame.

— Na verdade, por favor passe-me a coité, Dona Anginha... Mas me admira como é que se come tanta gordura assim!

Era saboroso, mas enjoava. Ora a paçoca chegava a estar ensopadinha daquele modo!

— Eu só estou a ver como a Dona Anginha... — admirava ainda o hóspede.

— Esta mãe Ângela come o tutano de um boi!

— Credo! Não digas isso, menina. Só porque eu não sou biqueira como ela...

— Eu, biqueira, Mãe Ângela? — replicou a Guida, a despejar vinho nos copos. — Isso é ali com o Quinquim.

— Declino da honra, transfiro-a aqui ao meu sobrinho, que os filhos do Cesário a ele puxaram, invariavelmente. Aquilo era um dengo...

— Não nego, meu tio, a herança paterna. Mas garanto-lhe que hei de ir abrindo aqui neste monte de paçoca uma brecha formidável. Desde que principiei a respirar estes ares que estou vendo que roo os guardanapos de Santa Apolônia.

Entrava na sala um vento úmido e aborrecido. O Quim, com cuidados no sobrinho, vira-se para a cozinha:

— O vento está do Sudoeste... Fecha aquela janela, Anselmo, que está salpicando.

Todos olharam para fora. A chuva esmorecia. Para a varanda, sobre a vista do quintal, fios d'água caíam iluminados num banho de luz solar.

— Chuva com sol!

— É que as nuvens estão passando do Norte para o Sul.

— O que é que quer dizer chuva com sol?

— Casamento da raposa com o rouxinol.

Riram.

— Deveras...

Veio a fritada. Depois, linguiça de vaca, jerimum com leite, coalhada escorrida e requeijão.

— Um vidão, minha gente! Bote bucho aqui, Dona Anginha! Só esta coalhada escorrida, este café com leite...

— Faça o favor de não reparar — fez a Guida — se não lhe tratamos melhor. Aqui pelos matos não se encontram os recursos de lá...

— Pelo amor de Deus, minha tia! Os recursos de lá por lá se fiquem. Neste caso voto pelos de cá.

— A falar a verdade, no sertão o passadio pelo inverno é muito superior — acrescentou o Major. — Pela seca é que são elas. Guidinha, manda vir fogo para o cachimbo.

O Quinquim fumava logo em cima da comida; por sua parte o sobrinho acendeu o seu charuto, e a Guida, que não queria pitar diante do praciono, retirou-se para o seu quarto. Dona Anginha usava mecha na venta; naquelas circunstâncias, porém, fungava antes o seu simonte, da bocetinha de tartaruga. Entrara um pouco pelo vinho, no que o hóspede lhe fizera boa companhia. Uma digestão alegre. Dona Anginha a dar trela. O calado do Quim também não estava de língua pegada.

Dona Anginha a insistir que aquele tempo chuvoso era bom sinal para o comércio do parente. Ela já o chamava meu parente Secundino. Deitou a informar acerca do povo da vila, no que teve de sustentar contestações com o Major, que também queria entender da vida alheia. E remontaram aos princípios do lugar. Um, que a vila fora criada no tempo de D. José, e o outro, que no tempo de Dona Maria I. Para desempatar a questão, a velha ergueu-se e, com a sua corcunda, foi buscar uns papéis do mano padre. Era um in-fólio com capa de couro mal colada, atado por uma fitinha. Para o moço:

— Veja o que diz aí, menino, que o mano padre, que Deus tenha na sua Santa Glória, aí escrevia de um tudo. Veja lá. Deve dizer pelo claro.

— Ca maçada! — pensou o rapaz consigo. E alto: — Deixe-me ver lá isso.

— Que belezas não há de ter deixado por essas bandas o Reverendo Costinha! Veja se fala da Constantina... É dos republicanos de 1824. Quando fores para a vila, não te esqueças de ver no arquivo da Câmara o auto do levantamento das bandeiras imperiais. Uma vergonha para estes cearás. Pernambucano mesmo não fazia aquilo não... Não vê!

— E o que diz lá isso?

— Eu já não me lembro bem... É melhor veres lá, quando fores — concluiu o Quinquim, meio zozzo.

O Secundino continuou a virar folhas. Por fim parou:

— Oiçam lá, disse. Eu vou desempatar:

“Da representação que Vossa Mercê me dirigiu em dez de janeiro próximo pretérito a respeito de quanto seria útil ao sossego público, administração da Justiça, e ao Real Serviço, que s’erigisse em vila a

povoação de Cajazeiras para nela se recolherem os vadios que como feras vivem espalhados pelos sertões, separados da sociedade civil, cometendo desordens, e toda a qualidade de delitos, que as Justiças não podem coibir por lhes não chegar a notícia ou chegar a tempo tal que as averiguações são frutíferas; quando pelo contrário com a criação da dita vila se obrigarão a recolher nela os vadios para trabalharem, promover-se-ia o castigo aos delinquentes, adiantar-se-ia a agricultura, e se aumentaria o comércio; nesta certeza e pela faculdade que sua Majestade me permite na Real Ordem de 22 de julho de 1666...”

— Não será 1766?

— Isso não sei, menino. Isso é carta do Governador da Capitania...

— Lá do meu Pernambuco. Era... D. Tomás José de Melo... 20 de fevereiro de 1789, carta ao Ouvidor da Comarca do Seará, Dr. Manuel de Magalhães Pinto e Avelar de Barbedo... Homem! A coisa no outro tempo era mesmo um terror. Por isso é que se davam aquelas lutas de Feitosas e Moirões, e o diabo a quatro! Ora, veja o que diz o Rei D. José I, na tal de Ordem Régia ao Conde de Vila Flor, Governador e Capitão-General da Capitania de Pernambuco e Paraíba. É bem frisante na verdade.

— Ainda hoje há tantos que vivem debaixo do cangaço! Dos Cariris, dos Inhamus, de Pajeú de Flores, e até por aqui mesmo.

O Secundino leu:

“Sendo presentes em muito repetidas queixas os cruéis e atrozes insultos, que nos sertões dessa Capitania têm cometido os vadios e os facínoras, que neles vivem como feras, separadas da sociedade civil, e comércio humano; sou servido ordenar que todos os homens, que nos ditos sertões se acharem vagabundos, ou em sítios volantes, sejam logo obrigados a escolherem lugares acomodados para viverem juntos em Povoações civis, que pelo menos tenham cinquenta fogos para cima, com Juiz ordinário, Vereadores e Procurador do Conselho; repartindo-se entre eles em justa proporção as terras adjacentes: E isto debaixo da pena de que aqueles que no termo competente, que se lhes assinar nos Editais, que se afixarem para este efeito, não aparecerem para se congregarem e reduzirem a sociedade civil nas Povoações declaradas serão tratados como salteadores de caminhos, e inimigos comuns, e como tais punidos com a severidade das Leis: Excetuando-se contudo: Primeiramente...”

Aqui chegava a Guida:

— Muito bem. Não lhe gabo o gosto, meu sobrinho. Lendo livros velhos e aguentando as maçadas de Mãe Ângela! Continue. Também quero ouvir esses sermões do tio padre.

— Não são sermões. É o nosso passado, quero dizer, o do povo destes lugares, que bem sei que havia de haver homens abastados, de sangue limpo, boa moral e benquistos. É um traço de história da ralé, de que tenho a honra de vir em linha mais ou menos reta...

— Menino, lê lá, e deixa-te de lábias de labaral.

— Você não tem medo do Tinhoso com isso? Quem lhe disse que seu sangue não é limpo? Não será o mesmo do meu marido?

— Limpo sou porque me lavo. Eu sei lá! Isso de sangue é dinheiro.

— Dinheiro é sangue! — disse o Quim.

— No fim dá certo. Tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar...

“Primeiramente, os Roceiros, que com seus criados, escravos e fábrica de lavoura vivem nas suas fazendas sujeitos a serem infestados daqueles infames e perniciosos vadios...”

— Cujos dignos descendentes constituem hoje em dia o grosso dos votantes.

— Não interrompa, vá de fio a pavio.

“Em segundo lugar os Rancheiros, que nas Estradas públicas se acham estabelecidos com os seus ranchos para a hospitalidade, e comodidade dos viajantes, em benefício do comércio e da comunicação das gentes...”

— E assim devia ser.

— Muito bem.

“Em terceiro lugar as Bandeiras ou Tropas, que em corpo e em sociedade civil e louvável vão aos sertões congregados em boa união, para neles fazerem novos descobrimentos...”

— Eu quero ver é onde fala em D. Maria I — disse a velha. — Eu sei que era ela, ora se era! Ouvi muitas vezes com estes ouvidos a meu pai, que até assistiu ao levantamento do pelourinho.

O papel estava bastante encardido. Os caracteres muito rabiscados, cor de ferrugem, nas páginas seguintes desapareciam quase.

— Não se pode ler o resto — fez o moço, com olhar míope. — Xi!... Impossível. Aqui ele mudou de tinta, é péssima. Vamos ver adiante.

— Veja bem! — reclamou o Quim.

“Autuação do edital de convocação... da carta do Governador... da Ordem Régia. Em seguida o Ouvidor fez uma fala ao povo... Termo de levantamento do Pelourinho... com as pessoas já ditas e a maior parte do Povo convocado a toque de sino, e comigo escrivão de seu cargo...”

— Está difícil.

— Veja, Senhor, que a coisa está aí — teimava a velha.

“O Meirinho Geral da Correição, José Januário da Silva, em voz alta e inteligível gritou três vezes Real Real Real viva a Rainha Fidelíssima de Portugal Dona Maria Primeira, Nossa Senhora, as quais palavras...”

Um frêmito de satisfação subiu do nariz da velha:

— Eu não disse?! Eu não disse?! Dê a ele para ler. Leia com os seus olhos, Quinquim. Era ou não era Dona Maria Primeira?

— Pois era, Senhora. E que interesse tenho eu lá nisso? Era, pois era. Está acabado.

E com um ar sonolento retirou-se o Major para a sala, onde se espreguiçou no canapé.

À tarde, estiou de todo.

No dia seguinte apenas chuvei pelo meio-dia.

De manhãzinha, fazendo frio, Guida já dava ordens no alpendre, com o seu cabeção de rendas, cabelos soltos, apesar do pente marchetado de ouro enfiado ao pé da touceira abundante. A porta do quarto do Secundino ainda estava fechada.

As cabras berravam muito no chiqueiro, e a matrona ordenava que as despachassem logo. E acrescentou:

— Hoje mesmo quero que tirem o esterco daquele chiqueiro. Já está fazendo quezília aos pobres dos bichos. Ouviu, Naiú?

— Inhora, sim.

— Não deixem leite de cabra para o almoço, não. Diga à Margarida: botem todo o leite de cabra para fazer-se queijo. Hoje o dia é seco, o tempo está levantando, podem fazer queijo do melhor. Façam requeijão para Seu Saturnino levar, ouviu?

O gado ganhava o pasto, mais senhor de si. Para todos os lados, nas depressões, viam-se aquelas natas de bruma, que ao lento do sol se distendiam, imperceptivelmente; ali um pedaço de rocha, acolá uma árvore, ainda emergiam da superfície delicada e sutil daqueles frios vapores, que iam subindo, subindo. A casinha do Silveira mergulhava num lago de névoas. Bandos de maracanãs passavam com um alarido, e assim os periquitos.

— Vão, diabos! — gritava-lhes o Néu. — Vão acabá co mio dos roçados, peste!

O Quim, friorento, aparecia à porta com a sua xícara de café:

— Secundino já acordou?

— Não — respondeu a Guida. — Quim, você precisa mandar vir madeira para endireitar aquele curral. Aquilo não tem jeito: no dia em que meter lá uma boiada, a cerca vai ao chão.

— Já disse ao Seu Antônio que mandasse vir a madeira que está na Lagoinha, e acho que o Martins foi... Escuta, estou ouvindo o carro.

— Então deve ser ele... É ele mesmo.

LIVRO SEGUNDO

A velha Corumba, com a sua pele engelhada e limpa de lavadeira, levantou os braços e arriou a trouxa de roupa em cima da mesa, na sala de jantar.

— Sinhazinha, tá qui a roupa.

Soprava de satisfação e assentava os magros quadris em um banco, enquanto a Senhora não vinha.

Ife! Era muito melhor quando estavam na vila! O rio lá era espraído e pelo caminho não se andava aos trancos e barrancos como ali na fazenda, e mó de que lá a roupa corava melhor. Diabo de caminho desgraçado! Gente chega i aos boléus. Tomara que os senhores fossem para a vila no mês de São João.

— Não irão, não, Seá Dona Anginha?

Esta, que acabava de enrolar as Horas Marianas na sua capa de couro, dando um nó na respectiva correia, virou-se para a velha escrava com os quatro vidros que entolhavam os bugalhinhos dos seus setenta e tantos anos a luzirem entre as pestanas sarapinguentas:

— É só o que vocês querem! É a fonção de ir pra vila, mó de viverem lá na folia com as suas pareceras!

— E apois então, minha rica branca? A gente também não há de pricurá suas melhoria? Só branco é que é fi de Deus? Apois Vosmicê era inté mais a favô dos nego, o qual não é agora. Oie que Vosmicê ta ficando pos nego...

— Não olhas tua Senhora que aí vem, não? Põe-te com trelas...

Guida, subindo do quintal com umas flores na mão, arrastava os pés pela varanda como se fora num extenso capacho, para limpar a sola dos chinelos.

— Vieste cedo, Corumba. Esta roupa estará bem lavada? Ora, ainda tem sol lá fora... Hein?

— A roupa está boa, Sinhazinha. Vim cedo praque fui cedo, e praque o sóu tava bom.

— Desamarra enquanto eu vou botar estas flores no pé do Senhor Santo Antônio.

O parentão cabeludo, o Miguelzinho do Vavaú, ia casar uma filha com um primo. A cerimônia realizava-se na vila, e daí, cavalgava para a casa do noivo, no Fofô, umas cinco léguas do Poço da Moita.

Foi muito sentida a falta de Guidinha, que não viera por estar doente. Coisas de mulheres, ao que dizia o Miguel. E quanto à ausência do Quim:

— Quem é agora que dá pela falta do papéu queimado, gentes?

O Secundino compareceu, achando que se não correspondesse ao convite julgariam que era prova de menos consideração. O Miguelzinho chamou-lhe grandíssimo veiaço, à boa parte, porque lhe parecia que o rapaz não se dava por achado em meio de tanta matuta pimpona:

— Mas tu cai sempre, jinjibirra! Nem Deus te vale!

Espalhou-se, é o caso, que nessa festa o jovem pernambucano pegou de namoro rijo com a menina Eulália, interessante e mimosa filha do Juiz de Direito, educada na Capital.

A Margarida, quando lho disseram, chegou o beijo ao nariz, fumegou:

— Que está dizendo? Uma lambisgoia daquelas! O Juiz de Direito anda por toda parte amostrando as duas bonecas... Pudera! Encontra um nenê como o Secundino... Menino há de gostar de vadiar com boneca...

— Menino de vinte e seis anos, Guidinha! — exclamou o marido.

— Só vendo... A Eulália! Ora, senhores, a Senhora Dona Eulália!

— Que tem isso? Homem! Que quer você dizer? São as meninas mais aquele que há por estes sertões. Sabem vestir, sabem conversar, pronunciam bem o português, sabem pisar...

— Ora, bravos! Muito bem, Senhor Major! Sabem... Sabem... Nem tem destões de dote cada uma! Umas retirantes!

O modo e o sentido insultuoso com que a mulher pronunciou a expressão retirantes foram avisos ao Quim a que não prosseguisse. Ouvira algumas vezes essa palavra, à má parte, a ele dirigida por ser de outra província. A perversidade humana, implacável, cria dessas injustiças. Retirante se tornou por isso maldita, como se a miséria casual por que uma vez na vida passou um indivíduo lhe impregnasse o moral do repelente aspecto da mulambeira e da magreza faminta. E, daí, retirante a qualquer

Estava o Seu Antônio no seu manso, deitado na sua rede, com as pernas passadas e as mãos cruzadas por baixo da cabeça, quando entra o Nêu, e diz:

— M'pai saberá Vosmicê que o Silveira chegou esta noite.

O pai olhou-o vivamente:

— E cadê ele? Vendeu os burros todos?

— Não, Sinhô, vendeu um, fugiram dois. Ele está lá ca Seá Dona Guidinha.

— Hum! E o resto dos burros teria voltado? Que galatão, meu Jesus! Vão vê que ela vai achá que o cabra fez muito bom negócio.

Disse isto erguendo-se. E o filho:

— Num diz, não. M'pai não sabe?

— Não sabe o quê?

O jovem vaqueiro olhou se alguém os ouvia, e com uns ares de confidência:

— Apois eu sei. A Sá Carolina me dixe. Me dixe munto contrafeita, hoje quando eu vinha do piero, que o Secundino tinha sido pronunciado sempre, que o Silveira não chegou mais im tempo de jurá cuma testemunha, qui agora só no júri...

— O quê! E ele é criminoso?

— Ora se é!

— Inda mais esta!... Então não há de ser por bonita coisa, visto que ocultaram assim, o qual não fariam se não precisasse fazê mistero, ou polo menos escondê de nós... E eu vou logo te dizendo: non quero qui tu fale nisso a ninguém. Pur nossa parte não há de sê a desgraça de ninguém, que a Seá Dona Guida pende pra Secundino e Silveira, uviu? Não diga palavra subre esse tanto, a Carolina qui vá rasgá buxo pa outra parte, qui prá cá vem de chouto... Mas cum efeito! Aquele moço tão simpático e agradave! Coitado, qui tiria cometido ele por lá?

— M'pai, aquilo mó de que é mais é um veiação.

— Pode ser. A gente vê cara...

LIVRO TERCEIRO

Dois dias depois, o Major Quim teve de ir ao Padre João Franco, chefe do partido. A Guida fizera ver a necessidade de escrever-se aos correligionários de Mossoró no sentido de embaraçarem a expedição de mandado de prisão contra o Secundino. Bem sabia que, mesmo em vindo, o mandado não se cumpria porque eles não queriam; mas em todo caso não se devia tentar a Deus, que diz: Faze, que eu te ajudarei.

— O Padre já sabe de alguma coisa? — perguntou o marido.

Ela supunha que não. Ele que o pusesse a par; não havia nisso nenhuma inconveniência. E, depois, mais dia, menos dia, tudo havia de andar de boca em boca, e ninguém podia arrolhar os outros, porque abelhudos não faltavam.

O Quim largou-se com a exposição na ponta da língua. Na verdade a Guidinha tinha razão. E, pronto o cavalo, montou e foi para a vila.

A Guida manifestava, naqueles dias, um semblante radioso. Não pegava numa agulha. O seu gosto era andar pelo quintal e pelo cercado. E, logo em maio! O império do aroma e da cor, das formas delicadas e dos segredos do pólen, a idade núbil daquele infinito de flores, que marejavam, que fervilhavam, que titilavam, palpitava por toda a parte, nos matagais, na relva, no pasto, onde quer que houvesse uma folha.

Olhava para o Norte, onde, ao longe, boia vermelha em mar de verdura, um telhado indicava o caminho da vila. Ali ficava o Arão com a sua vendinha de beira de estrada. Aquele Arão era um tagarela.

Para além, para além, verde e verde; e, por cima, o anil do firmamento, ainda toldado uma vez por outra.

Já não era aquele abril que fora o mês de chuvas mil, tudo só verdura, sem flores, sem o buço da puberdade, mês da despreocupação e imperícia da meninice nos garrotes e nos rebentos. Era maio agora, despejando a cornucópia dos germes.

A Guida agora por qualquer coisa mandava à vila. Fossem dizer ao Secundino isto assim e assim, que comprasse isto e aquilo, que arranjasse aquilo outro...

O Seu Antônio já andava dizendo que o Silveira tava virando lançadeira, de tanto ir e vir:

A matriz tinha sido bassourada por um caiamento desinfetante por amor das sepulturas que aí se faziam, pois, naquela era, defunto ainda era objeto de estima e de terços.

Chegara a quadra das trezenas do padroeiro, o glorioso Santo Antônio,
Que em Lisboa, França e Itália

Deu a luz mais rutilante... e Orago adotado pelo Alferes Antônio Manuel, o doador do patrimônio.

Junho recebera de maio um tempo lindíssimo. Era uma festa muito arrojada. A Guida, noitária de arromba, ia passá-la na vila.

Logo pela madrugada, música em alvorada no patamar da igreja. A pastoral orquestra se compunha de um clarinete, uma trompa, um pistom, um baixo, os pratos, o bombo, e foguetes. Nada mais poeticamente sáfaro, expresso para acordar até às pedras daquelas paragens, onde poesia pimpa nos chifres da vaca enramados de festões das moitas, e amor, no bodejo do chibo e no focinho do novilho pai.

Todas as noites, uma bandeira, a dos noitários do dia seguinte. E, no dia da festa, eram ligados entre si por arcadas de catolé (ideia do Secundino, de que o povilêu caçoava, dizendo que foia de pé de pau, só pra sítio de Judas) os treze mastros em cujo topo o Santo Antônio multiplicado todo se rebolava no madapolão.

Bailes e mais bailes. Criara-se um clube, à imitação do da Capital. Justo contentamento para a Lalinha. Só a sanção social da dança poderia entregá-la de seu ao braço do cavalariano tão ebriamente arrochado pela tirana do Poço da Moita.

Lalinha queria fazer pouco nessa rivalidade, de que já desconfiava, e que era a de uma impedida que tinha já o seu dono com as bênção do Padre; e o fazia, mas temia. Para o amor que vem de dentro não se disputa simplesmente a mão, porém a carne toda e todo o ser.

O espírito do mancebo ela o possuía, isto é, tinha o seu dividendozinho também. Mas espírito o que é? Uma angústia de mais.

O clube estava em antigo prédio construído no século passado, pelo referido Antonio Manuel — umas paredes de enorme tijolo a tição, cada

Guida almoçou por prazer, para não afrontar. Vestiu-se com vagar, e pichosamente, com o auxílio de duas escravas e de uma vizinha. E olha lá o balão por aqueles mundos, cintura de formiga, vestido azul vivo, decote, pafos, babados, oirama ao pescoço, ao peito, nos pulsos, nas orelhas, e na tartaruga de pentes, e mais rubis e diamantes. No cabelo, um coque volumoso, e cachos bilaterais adiante, e a risca ao meio.

Chegaram as outras companheiras, para irem juntas. O Quim se aprontou logo, e se pôs à espera. Já dera a última chamada, grunhia ele, e o padre já estava na igreja...

Que se arranjasse, ela já ia. Que abodego, meu Deus! A gente não podia nem se vestir direito! Havia de ir toda assanhada como uma doida?

Com alguma demora, saiu, muito vermelha, até porque havia passado rebique nas maçãs do rosto. O Secundino já estava na igreja, do lado de fora, com os outros de gravata limpa, que se iam ajuntando à sombra do edifício a conversar os assuntos do dia. Guida, ao descer os degraus de casa, logo o foi reconhecendo pelo corpo espigaitado.

A praça da matriz, forrada de pasto rasteiro, com os seus pés de cajá, de tamarindo, alguns sobrados, casas caiadas, sol, dava gosto, alegrada pelos mastros embandeirados das noites da trezena.

Guida caminhou pela vereda, de lenço e rosário na mão. E a seda do seu vestido — fru, fru, fru... Enfrentando ao grupo de homens da terra, que conversavam à porta do lado, todos lhe tiraram o chapéu, fazendo mesura de cabeça. O Quim tomou para o conluio, as pernas abrindo caminho de dentro da roda que fazia o panudo sobrecasaco; a mulher, porém, com as outras, seguiu a entrar pela frente. No patamar os pés-de-poeira, os de camisa e guarda-peito, os de chinelo ou de sapatão de carnal, os de pequena condição abriram passagem à Senhora Dona Guidinha com umas caras satisfeitas de fiéis súditos.

O corpo da igreja estava cheio. A missa ainda custou.

Os homens esperavam na fresca, do lado de fora; alguns, recrutados pelo sacristão, o Mariano Bonfim, entraram a tomar opa.

Daí, a vida do povoado entrou de novo em pasmaceira. Dona Guida tornou para o Poço da Moita, assim como os demais fazendeiros, cada qual para suas terras. Findou-se, encerrou-se aquele comércio diário, apagou-se a música com as fogueiras e com as velas das trezenas, que além da igreja se faziam nas casas particulares.

Agora, por assim dizer, contava-se quem andava na rua. Apenas, no domingo à tarde, três cavaleiros, sempre os mesmos, esquipando emparelhados, dobrando nos mesmos cantos como o peixe na piscina. Um deles era o Secundino, que, ostentando uma roupinha curta de equitação, ainda das que trouxera do Recife, fazia o cavalo passarinhar todas as vezes debaixo da janela da Lalinha, que se embasbacava com as gauchadas pimponas do namorado.

Fora disso, o mancebo praiano achava Cajazeiras de uma insipidez horrível, como ele mesmo dizia, carregando muito no ível. Chamava-lhe a Terra do Silêncio. Comprazia-se às vezes em chegar à tardinha até aos altos próximos do lugarejo. Nesses pontos a desigualdade do terreno e alguns sobrados, geralmente com os oitões e as frentes bem caiados, lhe apresentavam Cajazeiras risonha e grata, no meio do verde tenuemente calcinado, a ostentar as suas três igrejas bem alvas, uma das quais, a matriz, atalaiava meia légua em derredor.

Ao recolher-se, posto o sol, inebriava-se no ar embalsamado, e o aspirava com o pensamento cheio da imagem da menina Lalá. Cajazeiras cheirava a incenso. A piedade e o misticismo saíam da rocha e da planta, da rês e do vaqueiro, do vale que pede a contrição e do morro que inspira a reza.

À hora de deitar, ouviam-se as cantilenas do terço, que vinham das casas fechadas como se surgissem do próprio solo pela voz da matéria.

Então, ele ficava sentado à porta de sua loja, e só ia dormir depois de ter escutado a voz da menina, do sobrado do pai, a entoar as suas preces da noite.

Seja dito de passagem, todavia, que o Secundino ia já desgostando do seu negócio, quando o Quim o convenceu a passar-se para fazendeiro. Não

Do Poço da Moita passava-se, logo ali, o Banabuiú, enfiava-se pela catinga do Jiqui, e, espaço de hora e tanto, se ia bater mesmo na fazenda Goiabeirinha. Esta fora situada por um tio da Guida, que depois vendera ao irmão Capitão-Mor. O Secundino empregou em gados o dinheirinho do apuro, e, com uns cobres mais, que o Major Quim lhe emprestou, estava fazendeiro. Da terra não pagava renda. Chamava-se a isto um pão com dois pedaços. E olha lá! Mandou reforçar o açude, consertar os cercados, bater o pátio e o vaquejador. Não reedificou a vivenda: assim mesmo esconsa tinha o seu quê.

O Seu Antônio serviu-lhe de muito. Indicou-lhe para vaqueiro o Torém, mocetão pichoso e taludo; deu-lhe regras para novo local dos cercados, currais e chiqueiros; e foi mesmo em pessoa fazer aquisição de cavalos de campear. Quanto ao ferro, custaram a convir, passando muito tempo arriscando no chão. O Seu Antônio dizia:

— Vosmecê deve de usá o S c'un rabim na perna de riba e fulô na de baixo. Fica assim... É simpre e non si confunde. Ou si não, ói lá, faça de pé de galinha co S deitado em riba. Fica inté bonito...

— Mas eu queria um ferro engenhoso, assim uma coisa vistosa, pouco usada! — teimava o praieiro.

— Está qui! — voltou o **outro e** riscou vagarosamente no chão o S, com rabinho e flor. — Ou entonce este! — E tornou a riscar pé de galinha, e balança, com o S deitado.

— Nada disso. Veja este... Um S cortado por uma seta. Não ficaria muito bem?

O vaqueiro olhou atento para a marca desenhada pelo moço, na areia, com o cabo do chicote. Pôs-se de cócoras, passou a mão no pó, desmanchando as garatujas que já tinha feito, alisou, e esboçou com vagar, apagando e traçando de novo, algumas vezes:

— É mió ficá assim... Non queima tanto.

— Mas eu quero o S como eu fiz! E as setas com as barbas e farpas!

— Ah! O S cas cabecinhas, e a frecha co rabo?... Apois está bom. — E concluiu, depois de refletir: — O gado é de Vosmicê... Se amarra o burro

LIVRO QUARTO

Sim, senhor, passou-se, passou-se. Princípios de junho. Deu uma garoa ali pelas nove horas da manhã e as vacas, muito açodadas, ao meio-dia, sobem ao pátio a chamar pelos bezerros, que já era tempo de verem voltar com suas crias.

A Guida, depois de estar muito tempo olhando para o sertão, diz para o marido:

— Ó Seu Quim, você não acha bom fazer-se uma vaquejada boa com muito vaqueiro?

— E quedê lo gado? Já se foram os tempos de fazendas de mil cabeças. Todo mundo sabe hoje o gado que tem, e conhece rês por rês.

— Não, Senhor, é preciso fazer-se. É um divertimento que você dá pela soltura do seu sobrinho. O pobre rapaz chegou, pensava ser recebido em festas, e achou tudo tão frio... Seu Quim, preze melhor o seu sangue! Deve-se fazer a vaquejada, já mais quando é preciso dar um divertimento à vaqueirama. Se os ricos não derem, quem dá? Deixe lá, home, cada qual quer ter o seu dia de regalo. Os pobres coitados dos vaqueiros passam labutando demais; é preciso uma vadiação boa.

Enfim murmurava o outro, ainda em dúvida, que ia conversar com eles.

— Seu Quim, você tome o caso no sério, não se ponha com paleios — e pôs-se como a calcular, de mão no queixo, correndo a vista pelos sertões além.

Por alto aparecia, aqui e acolá, o pasto amadurecido, com pontos estéreis, tisonando um pouco a paisagem. Nos terrenos mais magros notavam-se manchas roxas no amarelamento do mato zarolho: era o lenho das matas mortas pelos grandes verões anteriores, que a rama dos outros ia descobrindo. O chão começava a empardecer. A grama não se alegrava mais com o orvalho. Onde existia mais vitalidade, a vegetação oferecia um amálgama de infinidade de manchas, do amarelo ao verde: aqui um grande esfarinhado de açafroa, ali um bloco imenso de esmeralda, acolá um fervido, uma espuma como de uma porção de tintas diversas. A impressão geral era entre louro e fulvo, cor de coati, ou barba de negro quando vai caindo em idade.

Apesar da Guida não ter dirigido convites para a função da vaquejada, a não ser aos demais fazendeiros, a casa começara a encher-se de hóspedes.

Uns vinham por ela, outros pelo Quinquim, pelos parentes da casa, pelos outros fazendeiros, e outros pelo Secundino.

Mas, enfim, já isto era de si uma festa. Vivia o cupiá atravessado de redes, as negras na cozinha fazendo decomer, os moleques com o pote na cabeça, as galinhas e os bodes na ponta da faca, e matolotagem por ali.

Destinou-se para esse fim uma vaca bem enxuta. Pela manhã, foram com ela ao olho do machado, depois de soltas as outras. O Néu laçou-a no curral, saiu porteira fora sem afadigá-la, e no pátio, assim para uma banda, abateram-na. O Néu armou o machado com o olho para baixo, desandou uma pancada forte entre os chifres, a vaca amunhecou. Sangrou em ato contínuo. Os pequenos traziam rama para acamar em derredor, a fim de não sujar de terra a carne e os miúdos. Toca a tirar o couro, olha lá gordura e carname, cheirando a nata.

A Carolina do Silveira com a Corumba tomaram conta do fato, e ali mesmo despejaram o debulho. Breve, os quartos da rês, transportados ao cupiá, avultavam dependurados, com umas irritações a relampear nos músculos, com que o Secundino muito se intrigava; entre as ramas lambuzadas de sangue, lá no pátio, a canzoada fazia o repasto, a dar corridas de vez em quando nos urubus, que acudiam em chusma com o seu passinho grave e esgueirado. Na cerca do curral iam formando uma longa fita negra. O Secundino, do alpendre, entrou com os outros a fazer-lhes pontaria, a apostar quantos matariam, fazendo fogo sobre aquele tapume negro e mole. Mas o chumbo treslia, urubu tinha mandinga, apenas um ficou penso.

O almoço correra ruidoso e devastador. E assentada a comida no estômago, toca a montar para ganhar cedo os campos. Muita trela, muita graça, muita risada.

O Joaquim Ribeiro, professor, um pouco tocado pela caninha da panelada, azucrinava o pracião com as suas preleções. O Secundino queria

Quinquim veio acompanhando o cadáver do Machico, e ficou em casa. Soube logo que um boi liso azeitão, muito gordo, dos apanhados na vaquejada, começou a rodar no curral, desde a tarde, a ponto de não poder dar uma passada sem corromper. Seu Antônio sangrara o bicho nas ventas, e dera um talho em cada orelha. O boi ficou bom. Amanheceu morta uma vaca amojada.

O gado, encurralado e submetido a jejum, passara um dia de amores que dão crias.

E o Quinquim profundamente triste. Que boa alma! — pensava consigo a mulher. — Como sentiu a morte do pobre Machico! De feito, com os retirantes, na seca, o marido até se revelara homem de coração duro, continuava a Guida. Ela é que sempre fora compadecida...

Entretanto, dois espetáculos, que se desemplicaram em mil caprichosidades da fantasia, perseguiam o taciturno esposo, quer desperto, quer adormecido, naqueles dois primeiros dias de abalo. Um, o corpo do Machico, assim tão moço, tão ruivo, estirado, vaquejando, sob a peneiragem de sol que descia pelas frestas da folhagem, repousando a cabeça na coxa de um companheiro, enquanto os demais lhe deitavam pela boca adentro garapa de rapadura, que ele vomitava em seguida com uma tosse rachada, com sangue pisado; e os vaqueiros que estavam a abeberar no riacho Ipueirinha, caçoando do coitado do grão Senhor do Poço da Moita!

Que diabo era a vida? Ele ricoço e infamado, o outro pobre e morto de desgraça.

Acabar! E veio logo apresentando-se filauciosamente a ideia do suicídio. Deliberou. À meia-noite, caminhou de espingarda ao ombro para o rio, para jogar-se do olho de uma árvore, com uma pedra nos pés, direitinho ao fundo do poço da Bilinga, ao passar chumbo no próprio crânio pela boca adentro.

E o teria realizado, se não fora Deus, ou o Diabo.

Quem é que não crê em almas do outro mundo?

Houve, porém, nessa madrugada, uma missa por alma de uma parenta do Vigário, falecida na Capital, estimadíssima na localidade. Era como se tivera falecido ali mesmo, de corpo presente, assim a caridade e pio sentimento com que foram tributadas aquelas derradeiras e longínquas cerimônias.

A vila acordou com o toque de sinais.

Despreocupada, na sua perene abstração de amante visionária, a Lalinha ergueu-se da rede, meio vestida na camisa de talho de rendas, que era só em que parecia luxar, como para festejar em si mesma todos os imensos e imateriais desejos de todo aquele corpozinho. Enfiou a meia do pé direito, e ao pegar na outra, correu com a mão, acudindo no seio à mordidela de uma pulga, que se foi, porque nisso de dentadas a gente não deve ir só pela coceira, mas de ponto feito logo ao bicho que ferrou.

Calçou a meia do pé esquerdo e apertou o atilho, acima do joelho, naquela delicada coluna de carne, que lhe sustentava o corpo, tabernáculo onde o Amor acendia a lâmpada sacramental a um coração. Pôs ao pescoço o terço de contas, que pendurava sobre o quadro de Nossa Senhora quando ia deitar-se. Ali, já batendo com os lábios a oração da manhã, que sabia de cor. Enfiou as saias. Tremeu, quando mergulhou a trabalhada cabecinha pelas sedas pretas do vestido, para a missa de réquiem. Tão mal, ó meu Jesus, que ia aquele traje soturno sobre quem somente foi feita para a alvura das flores de laranjeira! O rosto, entretanto, irradiava juvenil e formoso na noite da roupa de luto, com a aurora que ia agora mesmo rompendo no horizonte escuro daqueles sertões.

Abriam-se as portas, vinham claridades furtivas para a rua.

Caminharam para a igreja.

Lalinha, ao entrar, fez um arrastado de pés de quem pisa em capacho; beirou o funério pano estendido ao meio da nave entre dois círios acesos. Ajoelhou-se junto à grade. Pela porta do lado entrava finalmente a eterna mocidade do amanhecer, e de longe, a juriti, no mato, ali ao romper da alva, fazia ressoar de vez em quando a frescura daquela embalsamada atmosfera de junho com sua belíssima nota de inimitável diapasão.

LIVRO QUINTO

A Guida, por instinto, se fizera extremosa para com o marido daí por diante, com a ideia de que o homem podia tornar em escândalo o seu erro por um ato qualquer de vingança ou de toleima. Desprezava solenemente as chinas, a cujo nível desceria logo na boca e no olhar de todos. Vivendo com o marido em comunhão, eram obrigados a reconhecê-la como senhora de bem.

Por seu lado, o Seu Quim se confundia com aquelas recrudescências de carinho, e começava a perguntar a si mesmo se não laboraria em engano condenando no seu juízo secreto a uma inocente: se o falaço dos vaqueiros na Ipueierinha não seria obra de satanás, para plantar a cizânia naquela casa.

A dúvida, assim como depressa entra, depressa se escafede, nos ânimos fracos. E o Seu Quim deliberou-se pelo mais fácil e mais cômodo. Passaram-se duas semanas felizes.

Guida, porém, não podia resistir tanto tempo a soprar uma vida fictícia num calunga. Abatia, cansava tanto bolir em molas.

O Seu Quim, à vista das amantéticas expansões dela, parece que ia tomando o pião na unha, julgando a coisa ser mesmo afeição real. Ora, afeto cativa. Assim, pois, ia assumindo umas veleidades de amante-senhor, tendo extraordinário prazer em ser pela sua parte amante-escravo.

Destarte, entrou a notar que repetidas vezes que o Secundino viesse ao Poço, a Guida ia infalivelmente para a sala. E foi inchando. Quis chamá-lhe a atenção, mas não se atreveu.

Havia justamente quinze dias que a Guida voltara da vila. Era hora de deitar, e a mulher entretida na prosa com o rapaz. O Seu Quim já cochilava. A Guida, vendo que não havia mais esticar conversa, empurrando familiarmente o joelho ao sobrinho:

— Vamos jogar a bisca? Seu Quim vá ver o baralho, está detrás do espelho.

— Está mesmo uma lua de tirar sono! — disse o rapaz, correndo a vista pelo exterior para disfarçar um beliscão que a outra lhe aplicara na coxa.

O Seu Quim apareceu com o baralho, e jogou de parceiro com a Carolina, que a Senhora chamara para esse fim. Não teve língua para dizer nada. E Guida de vento em popa na viagem do crime.

Decorreu em seguida uma semana morna. O Seu Quim principiava de novo a concentrar-se, e a Guida a expandir-se, em proporção, com quem já se sabe. Era jogatina de bisca e trunfo aos domingos, com as pessoas que pareciam, e quase todas as noites; eram passeios da Guida no seu cavalo preto, com os seus arreios pingando prata, como lá dizem, ora pela manhã, ora de tarde.

O Seu Quim passava o tempo no alpendre, a fazer peias de lapos de couro cru, no que era perito, a empalhar cangalhas e assentos de cadeiras velhas, e em quejandas ocupações.

Era de notar uma coisa naquela casa do Poço, que não passou despercebida ao Secundino: a não existência de afilhadas, raparigas que se criam em todas casas ricas do sertão, e costumam formar em redor da dona uma espécie de camareiras ou damas de honor. Elas, no Ceará, não têm propriamente a mucama, expressão que o Secundino não encontrou; e com o serviço já das afilhadas, já das escravas mais ou menos prediletas, e com a própria singeleza extrema dos costumes, vão-se arranjando bem.

Margarida era, pois uma criatura como ela mesma. Em casa, de branca, ela. O mais, preto, inferior, escravo, até o próprio marido, branco, é verdade, mas subalterno pela sua índole e por não ter trazido ao monte um vintém de seu.

Era agora pelas novenas da Senhora Sant'Ana, que dá o seu nome ao mês de julho. Na véspera da primeira noite havia o levantamento da bandeira, no pequeno arraial do Vavaú, a uma légua e três quartos do Poço, à beira da estrada que vem do Aracati.

Margarida às vezes sentia não poder casar bem, frisar, bem dar certo com o esposo que recebeu no pé do altar. E nesses estados de alma se atirava ao homem, a ver se enfim encontrava essa felicidade tão falada, que não conhecera jamais. E não seria tão bom — meditava, com o olhar para os matos — ir a gente no seu cavalo gordo com o seu rico maridinho, também no seu cavalo, e chegando ao Vavaú, serem recebidos por aquele povo com exclamações do fundo do coração, como se fosse com o seu rei e com a sua rainha? Depois, voltando para casa, cear bem, pondo o comer na boca um do outro, às beijocas, e ir enfim para a rede lavada e honesta?

Ficou muito tempo calada. Diante dela, ao longe, o verde dos serrotes do Papagaio e do Batista estava ficando sujo e ruço. Os dias já eram quentes, apesar do vento, que não podia trazer mais a umidade dos campos. Havia desaparecido os passarinhos de maio a junho, que à primeira pontinha do dia entravam logo a trovar; parece que se iam afastando para onde houvesse mais verdura, frutos e grãos. Só o galo-de-campina continuava ainda na alvorada, todos os dias...

Triste vida! Triste vida! — bem dizia o bem-te-vi.

Enfim enxergou o Peste, como lhe chamava quando estava nos seus apuros:

— Ah! Seu Quim... quer ir hoje comigo ao levantamento da bandeira?

O Seu Quim, levantando a cabeça, estirou uma perna, puxando a agulha, em cujo furo metia a ponta de uma palha:

— Estou botando a segunda, o diabo é que a palha é muito grossa.

— Não é isto, senhor. Pergunto se quer ir comigo ao levantamento da bandeira.

— Que bandeira?

— Ora vá bugiar!... Da Senhora Sant'Ana — gritou — no Vavaú!...

O Seu Quim abaixou de novo a fronte, conchegando a si a peça que estava empalhando:

— Eu sou lá disso? — proferiu friamente, fazendo ponto final.

Margarida sentiu nas palavras inertes e no gesto parvo do homem todo o cheiro nauseante e porco de uma sovaqueira.

— Não quer? Ah, não quer! Está bom. Vou com o sobrinho — pensou de lá. E não perdeu uma noite.

Vavaú ficava para o Riacho do meio, aquém da Varge das Bestas. Era, na fulva aridez do sertão, um desses terrenos frescos onde aqui e acolá se encontram agrupações de carnaúbas, lembrando as tamareiras dos oásis. Havia duas lagoas e um córrego, que atravessava um brejado, onde se sucediam alguns sítios de coqueiros, com cajueiros e outras árvores do arisco. Perto, o rio deixava grandes poços de pesca. Lugar farto e ameno, porém doentio.

Concorria povo de muito espaço em derredor aos terços de Sant'Ana, porque aquilo era mesmo um bom divertimento e devoção. Vendiam garapa, rapadura, fumo, sodas, aguardente barata, bolo de mandioca e de milho, pé-de-moleque, tapiocas, beijos. O oratório era um quarto isolado, coberto de palha,

sem ladrilho, com frente para a estrada, no sítio do Miguelzinho, para cuja vivenda Margarida tomava quando lá ia. O parente a recebia sempre com uma chalaça de boa troça:

— Aí vem ela! Aí vem a Baronesa!

Que era do banzeiro do Quim? Deus lhe desse bons-dias, ou boas-tardes. E corria para ajudá-la no apear. Aquilo era mulherzinha para dar trabalho a si mesma! Podia passar ali em casa dele os nove dias, mas não, queria era andar num pé e noutro...

— Pois então? Passar tempo parada não é o que faço em casa? Ficava lá então!

— E este peralta está pronto sempre a acompanhá-la, hein?

— Com muito gosto! — respondia o Secundino. — Também quais são as minhas ocupações?

Tocava o sininho, dependurado num esguio trapézio de estacas, debaixo de um cajeiro. Dos casebres, das veredas e de um e outro lado da estrada convergiam os ranchos de povo. A Sant'ana do Vavaú gozava reputação de milagrosa, e por qualquer coisinha estavam eles pegados com o seu santo patrocínio.

Havia um ou dois sambas todas as noites, e no repique da entrada e do sinal soltavam uns três foguetes, ao toque da rabeca e da viola, que formavam a orquestra. Tiros de roqueira de dia e de noite. Margarida babava-se daquilo, e tinha realmente fé na Santa!

O Vigário não gostava lá consigo de semelhantes solenidades, que faziam concorrência ao seu sortimento. O Miguelzinho sabia disso, mas por um lado a devoção aproveitava, e quando seu pai estabelecera os terços do Vavaú, fora porque já via nisso um meio indireto de lucro e de fazer aquele ponto merecedor de vir com o tempo a ser até uma povoação.

Antigamente havia lá um capelão pago pela melhor gente; mas o Miguel não esteve pelos autos, porque os contribuintes começaram a encostar-se. Assim mesmo, na véspera e dia da festa, sempre mandava buscar o vigário, porque nos matos não há chamariz para o povinho como um ministro da igreja.

O Major Quinquim largou-se também na véspera, com a mulher e o sobrinho. Dormiriam no Vavaú para passar o dia da festa com o Miguel, que oferecia um pingue almoço de panelada e quitutes de lambar o beijo.

Passada a festa, porém, quando a Guida quis partir, procurou pelo Seu Quim: Seu Quim tinha ido com o Vigário para a vila.

Naquela situação de espírito, o bom Major, todo o tempo que esteve no Vavaú, foi como que atrelado à pessoa protetora do Padre João Franco, seu amigo, seu chefe, e cura de almas. O Padre notara esse enrabichamento, e desconfiou do porquê, visto como a Guida pelo seu lado em toda a sua conversa era Secundino para aqui, Secundino para acolá.

E depois que montou a cavalo, entre os cavaleiros que o foram impor estava o Major, que não voltou com os demais, porém o acompanhou para a vila. O Padre, vendo-o continuar, exclamou bondoso:

— Ah! Major, você vem?

— Vou, Seu Vigário.

O Padre voltou a cabeça e lhe notou uma fisionomia parva. Que queria aquele homem? Estava quase lhe dizendo que no seu caso a natureza ordenava que procurasse uma mulher, por despique, e nunca um sacerdote.

Grandíssimo pedaço de asno! — pensou lá consigo. E demorando o passo, a fim de emparelhar com o outro:

— E preciso acabar com isso! — pensou.

Em voz alta:

— Porém, vamos, que espécie de conselho queria você, quando estávamos debaixo do cajueiro?

O Major esporou o cavalo. O sacristão ficara atrás, porque montava um burro velho choutão. Iam assim sós, por aqueles descampados forrados de panasco loiro, eriçado de sabiazal, ao mormaço das cinco e meia...

— Eu sei?... — respondeu por fim o outro com visível desalento.

O seu olhar não se punha em coisa alguma, incerto e vago como o voo da borboleta ao ventozinho rasteiro da manhã.

— Ora, você não sabe? Quem saberá então?

— Homem, é a respeito daquilo...

— Daquilo de quê?... Desentale, se é que confia realmente em mim, homem de Deus.

— Do Secundino. É preciso fazê-lo retirar-se daqui. E diga: Não se poderá recrutá-lo?

O Padre prosseguiu sem responder. A resposta seria que não há só uma Maria no mundo. Ia o Secundino, podia aparecer-lhe outro pior...

— Major, você bem sabe que o nosso partido está debaixo.

— Mas, homem, o Padre Brasil, mesmo debaixo, há certas coisas que ele pode, principalmente sendo uma questão de honra.

— Porém, Major, recrutar um fazendeiro? Para que você fez seu sobrinho fazendeiro, para que lhe deu poder e fortuna?

— Eu?...

— Decerto que eu não fui, nem o meu sacristão. Escreva aos seus parentes, a ver se o mandam buscar, é melhor.

— Já escrevi. Foi trabalho perdido. Por lá ninguém pode com ele. Por lá ninguém o quer. Eu vou ver é se lhe casco novo processo.

— Novo processo? Por quê?

— Pela morte do Belmiro.

O Padre parou o cavalo a fim de olhar com atenção para o coitado:

— Homem de Deus, você mesmo não me pediu que escrevesse para ele ser absolvido? E de fato não o foi por unanimidade? Agora, é queixar-se ao Sem Jeito.

— Não. Enganei-me, não é pela morte do Belmiro... É por um defloramento; o Silveira sabe.

— Ora — pensou o Padre, achando o negócio muito puxado, ainda mais esta. Pobre idiota!

Estavam entre dois roçados. A luz do ocaso, o milhal amadurecido alastrava um belo rosado de cútis morena, e o mandioccal, com as suas folhas estreladas e embastidas, metia uma quadra verde intensa no aspecto já meio ruço dos campos.

— Em primeiro lugar, — continuou o Padre — ponhamos o caso em si. Esta matéria é delicadíssima. É preciso o maior cuidado contra o demônio da suspeita. Eu acho que, não tendo você uma prova inconcussa da infidelidade, não tem o direito de amuar-se por esse modo, assim do pé pra mão. Com prudência e sabedoria, tudo você poderá conseguir... E, meu amigo, o matrimônio é um sacramento, o que Deus junta o homem não separa...

— É verdade...

E continuaram, até a vila, num silêncio cortado apenas por uma ou outra frase do sacerdote, procurando desviar o espírito do amigo, e pela algazarra das maracanãs, que recolhiam ao repouso.

Ali ao pôr-do-sol, o Nêu arriou no terreiro duas cargas de malas, que tinham ido para o Vavaú, uma com umas vendinhas da mãe, a saber: garapa de babão, queijo de cabra, fumo e linguças; e a outra, sua, que levava impando de melancias. Atrás, vinha ela, a Mercês, com um filho no quarto, encoberto pelo xale novo, mó do sol, e seguida por mais três meninas:

— Anda depressa, menina! — ralhava para a mais ronceira.

O Seu Antônio, que não retirava o pé da fazenda desde que implicou com o Silveira, os recebeu alegre à porta.

— Pegue esta criança, home! Que eu já venho cansada demais — disse-lhe a mulher, soprando de fadiga.

— Divirtiram-se bem? Na verdade parece que não queriam mais vir. Foi bom, hein, minha fia?

— Aproveitando o negocinho, home! — explicava a Mercês. — Apois nós haveria de voltá ainda cãs malas cheias? Veja lá cuma vendemo cage tudo.

— E as tuas melancias, Nêu? Reputaram bem?

— Inhor, sim. As mais baratas fôrum pur trê gintém. O povo mó que tava ca língua seca de sede... Non havia garapa, nem cana, nem melancia qui chegasse po povão. — Depois, olhando insensivelmente para o caminho por onde vieram: — M'pai? Ói p'acolá... Lá vem gente.

A Mercês assentara numa das cangalhas, para descansar e tomar um folegozinho antes de ir para dentro. Atentaram todos para o caminho.

— Espere! Por mó de que só vem um home e ua muié? E quedê lo Seu Majó?

— É o quê, menino? Hão de vi três pessoas para mais.

— M'pai, repare.

Um dos pequenos chorava, queixando-se de uma estrepada no pé. A mãe ralhava: bem dissera que não fosse. Pra que foi? Só queriam viver amarrados na saia dela! O pai o conduziu para o interior, a fim de lavar-lhe o pezinho com aguardente, que ia mandar comprar do Silveira.

Tinha razão o Nêu. Com pouco riscava, de feito, no alpendre da vivenda, a Guida, com a sua chapelina cheia de fitas, e o Secundino, de

Meia dúzia de patações no fundo do baú não são falsos a ninguém, e o Seu Antônio havia apurado lá os seus. Criara juízo a tempo.

Desde que passara de fábrica a vaqueiro, soubera tirar todo o proveito dos quartos que lhe cabiam, não os vendendo em garrotes nem novilhotes, mais em bois refeitos, e deixando sempre o gado fêmeo para dar cria e aproveitar os queijos. Estava, pois, armado contra a emergência. Entretanto, não era sem violentar-se a si mesmo que abandonava assim, à laia de retirante, da noite pro dia, o Poço da Moita, onde gastou os anos da mocidade, gozando ainda hoje a lembrança dos bons tempos do Capitão-Mor Reginaldo. Torcia o rosto, para não lhe descobrirem o contrafeito da fisionomia. A Mercês era toda arrumação. E às duas horas da tarde, cargas acima, tudo a cavalo, meninos nos costais de mala e na garupa, lá descia talvez para sempre o alto da fazenda o rancho do velho vaqueiro.

A Guida, por mais que fizesse, não pôde reduzi-lo a ficar. O homem dera com a cabeça para um lado, e acabou-se. Foi, contudo, generosa. Comprou-lhe a casinha com as benfeitorias, as cabeças de criação, as vacas paridas, e fez seus presentezinhos aos meninos, com especialidade ao afilhado.

Isto mais compungia ao vaqueiro. O Quim teve com ele uma larga conferência, e lhe pediu que viesse no dia seguinte para entregar a vaqueirice ao João Tanguera.

Pobre Quim! Deu um apertado abraço de despedida ao seu comovido campônio.

Andava sobressaltado o Major pelo repentino rompimento com o sobrinho, por trás do qual aparecia a insolência assassina do Silveira. A Guida lhe fizera ver, a estradeira! Que tivesse juízo, que não fosse precipitado. Ele fingia acreditar nisso para evitar um maior mal. Desconfiava, porém, com fundamento, que o Secundino por força que andaria tramando contra ele.

Por seu lado, o outro cogitava o mesmo a seu respeito. De fato, na véspera da partida, que tinha demorado, apareceu por baixo da porta o seguinte ultimatum, mal escrito em quarto de papel machucado:

“Sr. Major Joaquim Damião;

Temos a certeza de que o Sr. tem a propósito de mandar três peças deste lugar para o outro mundo porém tenha sentido no bote que pretender dar v. s. se houver uma hora de diferença no açalto Que imprende, aviso-lhe como Amigo que não hade ter tempo de arrepender-se do que fez porque do que ficar no correr desta hora o menor pedaço que lhe deixa he a urelha.

O Amigo da Paz.”

O Quim estremeceu. Ali andaria dedo da Guida!

Não teve dúvida. Era o dia de fazer viagem para a Capital. Partiu.

Aí chegando, porém, em vez de consultar ao facultativo, foi pedir garantias para a sua vida ao Chefe de Polícia, e aconselhar-se com o Padre Brasil a respeito do desquite. O amigo respondeu-lhe às diversas impertinências: que só aprovava o divórcio não sendo possível nenhuma conciliação, que neste caso seria mais conveniente para a tranquilidade do seu espírito que antes de sentença do juiz eclesiástico a mulher não podia dispor livremente dos bens, mas ele sim; que ela tinha direito de pedir em juízo que lhe desse alimentos, e o juiz poderia marcar-lhe uma diária razoável...

E mais não sei quê. Naquilo, finalmente, em que lhe pudesse prestar serviço, estava ao seu dispor.

Quanto ao Chefe de Polícia, este lhe assegurou nada mais fácil do que prender ao Secundino, se incorresse nisso, pois, acima de tudo, a lei e o prestígio da autoridade. O Quim declarou que se a autoridade quisesse pegava-o, porque o sujeito fazia muitas. E tratou, por exemplo, do defloramento, da intriga com o Dr. Motezuma, e queijandos antecedentes.

Pois guardasse segredo, disse-lhe o chefe, e deixasse estar, que ia determinar ao delegado que tomasse a peito os negócios do Major, que lhe concedesse licença para andar acompanhado de gente armada. O Major que se considerasse garantido: ia mandar reforçar o destacamento, com praças de linha, e escreveria também pelo Major ao Dr. Montezuma, pedindo informações.

Eis volta o homem para o sertão com a cabeça cheia de caraminholas, na crença de que o Secundino seria breve catrafilado, restabelecendo-se dessa feita a paz doméstica. Segredou esta convicção ao Vigário:

— Pois sim, pois sim, — concordou o sacerdote — que o consiga, são os meus votos!

Entretanto, nada de tornar ele para o Poço da Moita.

— Você assim está demonstrando que repudiou sua mulher, Major! — interveio um dia o cirurgião Sampaio. — Não dê o seu direito a ninguém.

— Não dou, não; eu irei, mas quero apenas tomar altura...

E remanchando, remanchando, não ia. O povo é que firmava de mais em mais o seu juízo a respeito. Era, então, verdade o que se espalhava? Uma ocasião até o homem, referindo-se à mulher, dissera um nome feio...

O Reverendo João Franco, vendo a hora que o escândalo ficava irremediável, aproveitou depois da missa o ensejo de uma confissão e se abalou para o Poço, a ter com a Guida.

Ia pelo caminho imaginando num meio hábil de tocar no assunto. Agiria. Aceitaria descanso e almoço. Perguntaria quando vinha o Major... E dê-lhe por aí, Seu Padre João!

Olhava para o azul, implorando auxílio dos seus Santos, ao passo do cavalo. As pombas debando, que estavam com pombal no Serrote do Camaleão, passaram para o Sul, de enxame em enxame, produzindo no ar o intenso fru-fru de milhares e milhares de asas. Começavam os bandos a sair desde o clarear do dia, até o sol alto, e à tarde desciam para o pombal. O Reverendo parou para contemplar uma enfieira interminável delas, pelo céu além, de horizonte a horizonte. Alguns pequenos bandos desgarrados, mais perto dele, faziam um zunido trepidante, em voo menos alçado, cortando o vento.

O mato, de todo seco, estendia-se debaixo do céu, com uma aparência de cabelos estaqueados, avistando-se o solo a grande distância por entre os garranchos. Lá um ou outro tufo amortecido de fronde vivaz.

O Reverendo mirava aquilo em derredor, e, na emoção, deprecava para o Altíssimo: Providência admirável, que nutria aqueles milhões de seres vivos naqueles desertos, que com uma gota d'água ressuscitava aqueles matos secos e cobria de succulenta pastagem aquele chão estorricado, se lembrasse também do coração humano, da alma humana que é de essência divina, e não os desprezasse! Ajudasse-o na missão a que ia! Senhor, vós dissestes: Antes atirar-se ao fundo do mar com uma pedra ao pescoço do que dar escândalo! Que ia ele fazer? Daquilo dependia a paz e a salvação de muitas almas! Senhor, concedei-lhe a divina graça...

Daí, pediu a Nossa Senhora, e não sei mais a que Santos.

Apeou no Poço muito confiante.

O certo é que da Guida não colheu proveito.

Quando o Reverendo, depois de palrar uma porção de coisas, teve ânimo de declarar que viera formalmente para aquilo, a matrona se mostrou surpreendida. Que não sabia de nada, não. Julgava que o Seu Quim se demorava na vila era para estar mais perto do cirurgião, pois por doença é que armara a viagem à cidade do Ceará. Então ele falava em divórcio? Estava doido, coitado! Divórcio quem podia requerer seria ela pelos maltratos que ele lhe dava. O Seu Vigário bem sabia que ela casara com aquele homem para fazer os gostos do pai. Há mais de dezesseis anos, só ela sabia a vida penosa que vinha suportando...

O Padre enfiou. Em todo caso, podia contar com a boa vontade para qualquer conciliação?

— Por certo, — respondeu a Guida — quem não deve não teme!

Retirou-se o Padre do Poço da Moita já de tarde.

Guida tratou-o como de costume, à vela de libra. Deu esmola para obras da Matriz e mandou dizer mais uma capela de missas por alma da tia Anginha.

Ficou olhando para o rumo onde ele desapareceu na baralha do cavalo, sob o guarda-sol aberto.

Abençoada fora a sua vinda! Abençoada ou maldita? Estremeceu com esta disjuntiva.

Mas não era mulher para recuar. A quem Deus prometera um tostão não dava um milhão, e ela estava disposta a tudo, bem ou mal. Estendeu o braço para a direção onde ficava Cajazeiras, em ar de juramento:

— O Major Facundo, na Capital, foi pela noite: mas tu serás ao meio-dia em ponto, Major de borra!

E ficou meditativa.

Era pois verdade tudo que lhe vieram dizer a respeito do marido! Bastavam aqueles bons ofícios do vigário para prova de que o Sr. Quim andava fora das estribeiras. Mesquinho, mentiroso e infame! Ir à Capital, com partes de doente, para queixar-se à polícia que o Secundino o queria matar e pôr na lama a honra de sua mulher! Intentar divórcio contra ela?... Por adultério?... Que estava sendo ela então para todo o Ceará, para todo o mundo, que a ruim fama corre mais que o pensamento, senão uma

morixaba? Era mister uma desafronta capital de semelhante injúria. Questão de ponto de honra.

Assim gerou-se-lhe uma ideia sinistra. Não era mais a mulher, nem o marido, nem o homem, senão o indivíduo, independente de sexo e condição, o espírito do bárbaro sertanejo antigo, reencarnado, que queria vingança à luz do sol.

Pobre Major, — ia dizendo consigo o Padre João — o teu leito nupcial nunca passou de uma obscenidade! Lá a minha Maria, essa eu não posso tê-la na minha casa: é burra de padre, é amásia, é concubina, e os meus filhos são ilegítimos... O teu leito nupcial nunca passou de uma obscenidade, meu Major!

De fato o Padre estava convencido de que a Guida sempre repugnara ao Quim, e de que ela o recebia com o apetite carnal faminto, sim, mas não com o gosto consciente do gastrônomo. Não equivalia isto a uma prostituição? Que de honesto podia haver nesse leito matrimonial não purificado pela inclinação recíproca? Era prostituta, e daí para o adultério, um triz.

Aquilo sim, era obsceno. Lá ele, com a sua Maria, não trocava o seu pecado, que Deus bem via, pela honestidade de certos casamentos... Bem faziam os que tinham em casa a amásia. E depois, o prazer da existência consistia na vida de relação. E para isso era de ver-se o esforço constante que fazia o homem, selvagem, bárbaro, ou culto, por divertir-se, por mostrar-se, por ter glória, por tudo enfim que resulta da vida em sociedade. Ora, o primeiro passo para essa vida de relação não será pelo amor, transição da vida vegetativa para as altas e nobres funções do sentimento? Guida não teria sido vítima dessa tendência? Por outro lado, uma pessoa que se deixa arrastar por um amor, seja o mais ilícito, o mais impossível, vive em ilusão, e se julga sempre santamente martirizada por um sentimento justo...

— Quem estiver isento de culpa atire a primeira pedra. Bem disse o Divino Mestre — concluiu o padre. E lançou um olhar reverente para o azul.

Vinham voltando para o Norte as pombas de bando que passaram pela manhã, e desenvolviam no espaço aquela serpente gigantesca, ora estreitando-se, ora avolumando-se, miríade de asas fremindo ao sol vespertino numa tremura de água corrente.

O Padre João lembrou-se da sua invocação à Providência, que fizera de manhã por aquelas paragens.

Vinha satisfeito com o resultado da sua missão, pois não esperava encontrar a altiva senhora em tão boas disposições para com o desasado Major. E, meu Deus! Na realidade, que fazer com o pecado? O pecado não vinha do primeiro homem? Parecia estar mesmo no plano da natureza, aliás, de onde saíra o homem, humano e limo da terra como lá estava na História Santa. Na verdade, que era feito de todos os gérmenes? O gênero humano não tinha que abrir exceções. As ovas dos peixes andavam por aí em salga, para manjar dos glutões. E os peixes multiplicavam. A cajazeira do seu quintal cobria o chão de cajás, dos quais raríssima porção preenchia o seu destino. Aquele nunca acabar de pombas de arribação, que lhe iam diante dos olhos, passando, passando como nuvens, punha uma infinidade de ovos, sim senhor, e os répteis, os urubus, e quanto bicho havia, e o homem, que os apanhava às cargas, davam conta da mor parte. Que faziam aquelas revoadas de periquitos, que voltavam do arvoredado fresco do rio? Destruir os frutos ainda verdes com uma prodigalidade de herdeiro estroina. E de que traziam os papos repletos aquelas mesmas pombas de bando? Do grão das espigas do pasto maduro. E nada se extinguia. Assim, a prostituição, a masturbação, a pederastia, os incestos, os adultérios, as modas, o espartilho, o luxo, toda essa coorte infernal de vícios contra a castidade, e contra a moral, e contra o bem-estar, a destruir, a amesquinhar, a desperdiçar de noite e de dia o óvulo humano, não atrasava de um segundo o *crescit et multiplicamini* do livro santo. Quem podia dar combate ao Pecado sem arcar assim contra o plano tenebroso da matéria? Altos mistérios de Deus! Quem estivesse inocente pegasse na primeira pedra...

A estrada, ali, seguia por perto do Rio dos Bois, que vinha da vila. A imensa coluna do exército alado, daquela cor mesmo chamada roxo-pombo, fazia um seio até certa zona de mato verde, que aparecia a pouca distância. O Padre seguia em proporção de ouvir os tiros dos caçadores, nas bebidas, pois que era para beber nos poços do rio que as pombas desciam ali.

Muito bem! O Padre já sabia que ia cear avoantes àquela noite. Não deixavam de levar-lhe a caça, de que era muito afeiçoado. Chegou em casa já com escuro. O vizinho, Dr. Motezuma, tinha agora o sobrado um dia por outro em danças, modinhas e brinquedos frequentados. Lá estavam, pelo moceiro e pela rapaziada do lugar, num fervor opus, risadaria, talvez colocando-se para uma quadrilha, ao toque de rabeça e viola.

Como iam mudando as coisas! Não sabem para que o Juiz abria suas portas àquela troça? Para casar a Lalinha com o filho do Cambute, o chefe liberal, Pedro Maria de Albuquerque, hoje em dia coronel comandante superior da Guarda Nacional da comarca!

O Padre não levava a bem esse casamento, e não podia disfarçar a contrariedade. O Montezuma, que tanto lhe devia, ia dar sua filha ao pimpolho, filho de um chefe adversário: filho do Cambute!

— Esses juízes, esse juízes!

Por seu lado o Dr. Montezuma com o dito consórcio ficava a duas amarras, o que era excelente modo de ficar: parte da família ia para os conservadores e parte para os liberais. Se partidos mais houvera, cada um teria também a sua parte. Era um meio inequívoco de estar sempre de cima.

Lalinha fora pedida, na realidade. Casaria lá para janeiro. Cadê o Secundino? perguntava a si mesma. Nem mais se lembrava do antigo cavalariano, cansada de sofrer.

O Cambute se havia mudado para a vila. Os filhos andavam emplando de duro. Pudera, estavam de cima! A menina fora apreciando ao Tonho deles, que era também meio corrido e ladino (fora caixeiro no Recife), e se realizou a substituição. Também já era o tempo que corriam coisas muito feias acerca do escândalo do Poço da Moita, contribuindo isso para afugentar mais depressa do pensamento da donzela a imagem ora depreciada do Secundino.

Os hipócritas são finos conhecedores do coração humano, e evitam sempre o escândalo, isto é, a evidência do mal.

Pois, minha gente, a Guida tinha lá juízo? Fazer até o marido sair de casa ultimamente, por amor do não sei-que-diga de um homem que parece que só sabia era abusar das pobres das mulheres? E sem guardar conveniências!

E assim é que foram ilhando a Guidinha, diante de quem, aliás, (quando tinham ocasião de vê-la), faziam a mesma cara alegre de antes. O Secundino é que se tornara, na verdade, geralmente antipatizado.

O vigário ficou aborrecido com o Quim. Tendo alcançado da Guida tão boas disposições, o diabo do homem todavia batia o pé que não voltava para o Poço! E já não era aquele moleirão, que se queixava como uma criança! Nem confidenciava mais com o Padre.

Este arregalou os olhos:

— Na! É assim?... Ora vão bugiar!

O Miguelzinho do Vavaú largou-lhe uma gargalhada maliciosa:

— Ora, Seu vigário, pra que ele há de voltar lá, se não pode entrar na porta?

E percorreu pelo miúdo sobre o assunto. A missa ainda custava bem um quarto de hora. O vigário era mesmo amigo de uma secazinha aos domingos, no consistório e sacristia, antes de celebrar.

O Miguel, com os seus beiços grossos e a sua barba afogueada, contou-lhe que, na qualidade de parente, tinha ido interpor também os seus bons ofícios perante a Guida, em favor do marido. Havia-lhe falado franco. Ela porém saíra-lhe com quatro pedras na mão, que ele se importasse consigo, que não era pesada a diabo nenhum, que não era conta do seu rosário, etc. Mas ele danou-se foi com a grandíssima da estúpida trazer pra frente a sua defunta mulher, dizendo que ele a matara de desgostos por amor de umas certas coisas... Aquilo sempre fora muito ruim, aquela barbada! Deus lhe perdoasse a ele, mas não queria achar o que o Quim achou... Só mesmo cum bestalhão daquela ordem poderia ela ter casado. Por que nenhum rapaz do lugar se casou com ela?...

Note-se que dos parentes, continuava ele, fora o único que não deixou nunca de frequentar a casa dela ao depois que todos se foram retirando mó da tal história do Secundino. Diabo da ingrata! E vir com aquela infâmia de ele maltratar sua defunta mulher!... Também ele fora logo lhe atacando que ela podia dizer o que lhe viesse às ventas, porque naquela casa não havia ronco de homem.

— O besouro também ronca.

— Vai-se ver não é ninguém...— foi o que ela lhe respondera.

O Lulu Venâncio estava na terra, muito em segredo. Guida mandara buscá-lo ao Riacho do Sangue, enquanto o demo esfrega um olho. Chegara de noite ao Poço.

A matrona foi logo dizendo:

— Lulu, mandei-o chamar para um serviço importante.

O rapaz, entressorrindo e meio acanhado:

— Seá Dona, Vosmicê bem sabe que pra Vosmicê eu não me arrecuso pra serviço nenhum. Eu cá estou acostumado a servir aos meus protetores.

Guida havia tocado, anteriormente, para o mesmo mister que queria confiar ao Venâncio, a dois sujeitos avezados ao uso da faca e do clavinote, o João Grosso e o Caetano; mas o primeiro se acurvou com uma dor de uma banda, que sofria há tempos e lhe tirara a destreza, e o segundo foi logo dizendo francamente que o homem não saía da vila, tinha o mundo inteiro a favor, que ela mandatária estava debaixo, que por tudo isto o negócio não era nada seguro, e não era o filho de seu pai que pisasse em ramo verde.

Guida esperava, pois, tudo do Lulu, e empregaria a maior habilidade. Não foi preciso muito.

Quando ela trouxe lá de dentro, na bainha escastoada de prata, um rico punhal antigo, que pertencera ao fundador do Poço da Moita, e o depôs nas mãos do criminoso, disse estas palavras:

— Dê cabo de mim ou dele: um de nós deve desaparecer!

O cangaceiro, sorrindo, recebeu a arma, que desembainhou, mirou como quem lê, admirou, e deu palavra:

— Suas ordens serão cumpridas, Seá Dona Guidinha!

Lulu Venâncio era ainda novo, meio branco, bem feito de corpo.

Tinha um olho perdido e era quase imberbe. Botava à banda o chapéu de couro e então parecia bem um galo de briga.

Nessa mesma noite seguiu para a vila montando em bom cavalo, tinindo-lhe no bolso alguns patações. Arranchou-se secretamente em casa da Aninha Balaio.

A Aninha:

As avoantes continuavam na sua vida de sociedade, passando em ondas e ondas pela manhã e de tarde. Fazia um calor vermelho. Os periquitos, ao amanhecer, buscavam o verde persistente do rio, e no dia inteiro eram como uma infinidade de maracás a agitar-se por toda parte.

O pasto, dourado, ao longe oferecia vários aspectos. Nos baixos limpos era aquele frouxel, aquele veludo, e ao perto agitava pendõezinhos ao vento, acenando, acenando. Lá nas lombadas e colinas, pelas abertas dos matos pelados, amostrava-se como se o chão fora acamado de serragens de pau-cetim.

O Serrote do Camaleão estava semelhante a uma carapinha, aparecendo o crânio caspento.

Outros amostravam uns tons arroxeados, de uma mistura de verde velho, de cinzento, e do barro vermelho com a rocha caduca.

O vento marulha e farfalha em alguma fronde viva disseminada por entre os carrascos nus; e, na zona do rio, chia pelos capinzais ressequidos, zune através do teçume lenhoso da galharia, chocalha nas folhas maduras, crestadas, prestes a cair.

Céu azul. Ventania revezada, com tardes calmas. A lua nova trouxe boa chuva alta madrugada, e fez bom tempo. Ao amanhecer, o rio exalava um cheiro de lama, e o solo dos matos um certo azedume.

Lalinha estava doida por um passeio com a sua troça ao Serrote do Camaleão, para ver o pombal.

Aquele era um dia magnífico.

E lá se foram. O Tonho, do Cambute, comandava, e aquilo eram só piruetas e graçolas para aprazimento da noiva.

O Capitão Chiquinho, que ainda guardava sua velha paixão pela Lalinha, amor de caboclo, ia-lhe no cheiro; contava-se mais o Dr. Fernandes, que ainda não findara seu quatriênio de Juiz Municipal, gordo, metido em brim pardo e chapéu de Manilha; o Sabino do Bonfim, de óculos de fumaça no beque situado, sem rigorosa simetria, entre o par de costeletas; o Serafim, o Correia, o Andrade, o Silva Costa, amigos do

O Autor

Manuel de Oliveira Paiva

(1861/1892) foi seminarista, militar, escritor e abolicionista. Quando jornalista, lutou pelo abolicionismo. Tendo morrido prematuramente, com apenas 31 anos, o escritor permaneceu por muito tempo ignorado, até a tardia redescoberta de sua única obra importante, *Dona Guidinha do Poço*.



VERMELHO MARINHO